

*Universidade Federal de Minas Gerais*

Reitor: Clélio Campolina Diniz

Vice-Reitora: Rocksane de Carvalho Norton

*Editora UFMG*

Diretor: Wander Melo Miranda

Vice-Diretor: Roberto Alexandre do Carmo Said

*Conselho Editorial*

Wander Melo Miranda (PRESIDENTE)

Ana Maria Caetano de Faria

Flavio de Lemos Carsalade

Heloisa Maria Murgel Starling

Márcio Gomes Soares

Maria das Graças Santa Bárbara

Maria Helena Damasceno e Silva Megale

Roberto Alexandre do Carmo Said

# Geórgicas I

---

**Virgílio**

Organização de  
Matheus Trevizam

Traduções de  
Antônio Feliciano de Castilho e  
Matheus Trevizam

( EDITORA UFMG )

V816g.Pc Virgílio.  
Geórgicas I / Matheus Trevisam, organizador; traduções de Antônio Feliciano de Castilho e Matheus Trevisam. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.  
93 p. (Palimpsesto)

Tradução de: Georgicon I.  
Inclui bibliografia.  
Texto em português e latim.  
ISBN: 978-85-7041-955-2

1. Poesia latina – Traduções para o português. I. Trevisam, Matheus. II. Castilho, Antônio Feliciano de. III. Título. IV. Série.

CDD: 873.1  
CDU: 821.124

Elaborada pela DITTI – Setor de Tratamento da Informação – Biblioteca Universitária da UFMG

Coordenação editorial: Maria Elisa Moreira

Assistência editorial: Euclídia Macedo e Eliane Sousa

Supervisora de preparação e revisão: Sônia Queiroz

Preparação de textos e formatação: Tiago Garcias

Revisão de provas: Tatiana Chanoca e Bruna Fortes

Projeto gráfico: Paulo Schmidt

Coordenação gráfica e montagem de capa: Cássio Ribeiro

Imagem da capa: detalhe de mosaico da cúpula de Santa Costança,  
Roma. Séc. IV.

Produção gráfica: Warren Marilac

Agradeço sinceramente, pelas colaborações, aos professores Tereza Virgínia Barbosa (FALE/UFMG), Paulo Sérgio de Vasconcellos (IEL/Unicamp), Sandra Bianchet (FALE/UFMG) e Isabella Tardin Cardoso (IEL/Unicamp), sem esquecer de meus pais e família, pelo apoio. Agradeço, também, à Capes, por viabilizar este trabalho.

O organizador

EDITORA UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 | CAD II / BLOCO III  
Campus Pampulha | 31270-901 | Belo Horizonte/MG  
Tel: + 55 31 3409-4650 | Fax: + 55 31 3409-4768  
www.editora.ufmg.br | editora@ufmg.br

*Sumário*

---

Prefácio  
Paulo Sérgio de Vasconcellos  
9

O poeta Virgílio e as *Geórgicas*  
Matheus Trevizam  
13

Georgicon I  
Publius Vergilius Maro  
30

Geórgicas I  
Tradução de Matheus Trevizam  
31

Comentário introdutório a António Feliciano de Castilho

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa

67

Geórgicas I

Tradução de António Feliciano de Castilho

71

Obras de referência

91

Prefácio

Paulo Sérgio de Vasconcellos

As *Geórgicas*,<sup>1</sup> muitas vezes consideradas a obra-prima de Virgílio e, até mesmo, o cume da poesia latina, são, hoje em dia, no mundo todo, o poema virgiliano menos lido pelos não-especialistas. Certamente, essa circunstância se deve à dificuldade mesma de uma obra cujo tema parece ingrato e avesso à poesia: os trabalhos do campo. O próprio poeta se mostra ciente dos espinhos da tarefa: tornar atraente, poético, um tema prosaico, chão. É claro que a esse pano de fundo temático a poesia de Virgílio confere uma série de valores e significados que o transcendem: o substrato da matéria didática se torna uma reflexão nada superficial sobre o mundo, o homem e a *poesia*. É a este último aspecto que desejamos dedicar algumas considerações breves.

As *Geórgicas* celebram a poesia, embora em seu quarto livro se descreva – de forma estupenda – o fracasso do poeta Orfeu em resgatar dos Infernos sua Eurídice, trama que parece servir de contraponto ao mito de Aristeu, o apicultor que consegue dos deuses fazer reviver seu enxame. Em técnica tipicamente alexandrina, um episódio é inserido no outro, o que incita ao confronto de semelhanças e diferenças. Uma conhecida análise da passagem explorou brilhantemente esses contrastes entre uma vida contemplativa de poeta-cantor (Orfeu) e uma vida prática de agricultor (Aristeu), entre um gênero poético, o elegíaco, cristalizado na inútil queixa amorosa de Orfeu, e o gênero didático que ensina a vencer as dificuldades da vida com trabalho árduo e constante, e a submissão plena ao desígnio dos

<sup>1</sup> Todas as traduções das *Geórgicas* citadas neste prefácio são de António Feliciano de Castilho.

deuses que faltou ao esposo de Eurídice. Se Orfeu, então, aparece sob a feição do poeta elegíaco cuja ação prática é desastrosa, o canto do poeta didático é exaltado não apenas por seu poder de transformação e domesticação da natureza, contido no ensinamento do poeta-mestre: a poesia é celebrada porque do embate com matéria tão difícil – o cultivo do solo, a arboricultura, o gado, a apicultura – faz surgir refinadíssima arte, tecnicamente impecável, que, ao falar dos desafiadores trabalhos do campo, ao mesmo tempo parece estar sempre falando do próprio labor poético. Como tantos poetas romanos, também aqui Virgílio fala de poesia ainda quando aparentemente está tratando de outra coisa...

Na abertura do quarto livro, que tratará das diminutas abelhas, Virgílio diz (v. 6-7):

In tenui labor; at tenuis non gloria, si quem  
numina laeua sinunt auditque uocatus Apollo.

No ténue, o labor, mas ténue não é a glória, se a alguém  
Os numes adversos o permitem e o ouve, invocado, Apolo.

Ao longo da obra, Virgílio tem de enfrentar matéria *tenuis*, adjetivo que, de resto, parece refletir a estética alexandrina do gênero menor, não inflado, não grandiloquente como a épica e a tragédia, os gêneros canônicos por excelência na Antiguidade. Graças à poesia, ao dom de Apolo, dessa labuta aparentemente ingrata com um gênero menor e um tema refratário, poderá advir a glória buscada por esse caminho tão mais espinhoso. Esse é o desafio de Virgílio-Orfeu transfigurado, o sacerdote das Musas, como se vê nestes belos versos (II, v. 475-476 – note-se a majestade da sucessão de sílabas longas do primeiro!):

Me uero primum dulces ante omnia Musae,  
quarum sacra fero ingenti percussus amore

A mim, por primeiro, as Musas, doces acima de tudo,  
cujos objetos sagrados transporto, ferido de ingente amor...

À dura batalha do agricultor com as forças renitentes da natureza corresponde a luta do poeta para produzir o mel da poesia (algo de semelhante em Lucrécio, o grande predecessor romano de Virgílio no gênero didático: o mel

do discurso poético adoça o amargor do ensinamento epicurista, que, como remédio eficaz, trará a cura das almas...). Se os agricultores têm sucesso, no que é indispensável o culto dos deuses campestres, o poeta triunfa ao submeter seus conteúdos a um rigoroso labor poético, em seu culto piedoso das Musas e de Apolo. *Tenuis non gloria*: as *Geórgicas* são, para muitos, o poema mais perfeito de Virgílio.

Esperemos que esta tradução em português atual do poema didático de Virgílio possa encontrar muitos leitores e colocar de novo a obra no centro dos estudos clássicos em nosso país, onde ela quase não tem sido revisitada. Este primeiro livro das *Geórgicas* recebeu, do professor Matheus Trevizam – justamente um dos pouquíssimos estudiosos brasileiros que se têm dedicado ao poema – uma tradução escorreita e fluente, em português de excelente nível, e vem acompanhada de notas e um estudo panorâmico sobre o poeta e a obra. Traz também a difícil e instigante tradução de Castilho, em dísticos rimados, que merece ser conhecida, sobretudo nestes dias em que, no Brasil, tanto se fala em recriação poética e, na área dos clássicos, revalorização da tradução poética de tradutores como Odorico Mendes.

## O poeta Virgílio e as *Geórgicas*

Matheus Trevizam

### O poeta

Como ocorre muitas vezes com figuras emblemáticas da história dos povos, a trajetória pessoal de Virgílio é cercada de incertezas e aspectos lendários. Assim, fixam-lhe o nascimento com um irmão em Andes, aldeia das cercanias de Mântua, ao norte da Itália, no seio de uma modesta família de proprietários rurais (70 a.C.). Daí, por sinal, teria vindo seu gosto e o conhecimento *in loco* da realidade dos campos peninsulares, que com tanto enternecimento celebrou, sobretudo, nas *Geórgicas*.

Os pais, posto que de posses medianas, não envidaram esforços para educá-lo segundo os recursos disponíveis, e vemo-lo em Cremona ainda adolescente para melhorar sua primeira instrução. Em seguida, ao que se presume, já bem imbuído dos saberes do *grammaticus*, passou o futuro poeta a Milão e Roma (52 a.C.), onde o aguardava o polimento final da educação da maioria dos jovens das principais famílias.<sup>1</sup> Referimo-nos, evidentemente, à “malograda” temporada de estudos retóricos na grande capital do mundo antigo, pois ele, tímido e pouco afeito a embates, viria mostrar-se inapto na esfera dos tribunais.

Ainda da parte “mantuana” da vida de Virgílio, interessa-nos a obscura tradição segundo a qual os bens imóveis de sua família teriam sido confiscados

<sup>1</sup> GRIMAL. *La littérature latine*, p. 266.

e depois devolvidos por Otaviano,<sup>2</sup> o posterior imperador Augusto, nos conturbados tempos que se seguiram a Filipos e às vitórias contra os exércitos senatoriais em várias partes da Itália. Sendo ela verdadeira, a égloga primeira (publicada com as demais em 39 a.C.), de sua autoria, refletiria um estado de gratidão pessoal, corporificada na serena figura de Títilo, a quem coube o perdão concedido por um *deus* e a felicidade de poder ainda habitar em paz seus campos com os rebanhos.

De qualquer modo, antecederam imediatamente a época de suposta atribuição familiar de Virgílio os anos em que se tinha recolhido em Nápoles (52 a 42 a.C.) para uma vida de estudos aprofundados e quietude na escola epicurista do filósofo Sirão;<sup>3</sup> ainda ao término da morosa escrita das *Geórgicas* (29 a.C.), em que ele se empenhara por sete anos, encontramos-lo vivendo na mesma e amada *Parthenope*.<sup>4</sup>

Embora pareça ter sempre preferido Nápoles ao burburinho da capital, Virgílio possuiu uma casa no monte Esquilino, em Roma, cidade-palco de esporádicas temporadas e de seu “lançamento” no círculo intelectual constituído em torno de Mecenas por personagens literárias da importância de um Horácio (que o cita com afeto em suas *Odes* e *Sátiras*) e dele próprio.<sup>5</sup> Concluídas as *Geórgicas*, o poeta entregou-se pouco tempo depois ao que, para muitos, foi sua maior contribuição para a história da Literatura latina: aludimos à escrita da *Eneida*, épico já de todo imbuído de “augustanismo”, que ele deixou sem poder-lhe dar o polimento final por ter sido surpreendido pela morte na volta de uma viagem à Grécia, durante o verão de 19 a.C.

Diz a lenda, por sinal, que Virgílio teria instruído seus mais próximos amigos para queimarem os manuscritos da *Eneida*, tendo os pergaminhos sido salvos do fogo por Augusto, evidentemente a par do enorme peso patriótico e político do poema.

<sup>2</sup> GRIMAL. *La littérature latine*, p. 267.

<sup>3</sup> GRIMAL. *La littérature latine*, p. 266.

<sup>4</sup> Designação poética da cidade de Nápoles, do grego *Parthenope*, nome próprio de uma sereia mitológica.

<sup>5</sup> GRIMAL. *La littérature latine*, p. 267.

## Panorama da carreira poética virgiliana

Em certo sentido, a carreira poética de Virgílio realiza um caminho artístico *perfeito*,<sup>6</sup> segundo a etimologia da palavra. Pois, caso não tivesse morrido antes de acabar a escassa minoria dos versos truncados da *Eneida* e, enfim, de limá-la a seu gosto, seria um caso ainda mais exemplar de autor capaz de levantar-se da singeleza pastoril às alturas épicas com inabalável brilho.

Apenas por apontar sumariamente cada um desses passos na tríade compositiva do autor, vemos nas *Églogas* um fino conjunto de dez poemas bucólicos à maneira de Teócrito,<sup>7</sup> em que, segundo os ditames da estética alexandrina, não faltam o delicado urdume de cada peça e o esforço de dispô-las num conjunto harmônico, de grande equilíbrio à maneira clássica. O plano experiencial humano correspondente às *Églogas* são os afetos, pequenas disputas e episódios cotidianos da vida dos pastores; seu animal-tipo, os carneiros e cabritos; seu cenário, os montes copados ou recobertos de pastagens.

As *Geórgicas*, espécie de transição para o voo de muito mais ampla envergadura que foi a *Eneida*, correspondem ao gênero da poesia didática, com raízes longínquas em *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo,<sup>8</sup> mas que conhecera expressiva representatividade durante a era helenística (com os *Phaenomena* de Arato, os *Alexipharmaca* e os *Therriaca* de Nicandro de Cirene e os *Hedyphagetica* de Ênio, por exemplo).<sup>9</sup> Mantendo, já, claros nexos com a épica, a ponto de ser o gênero didático, para alguns, mera ramificação “humilde” do primeiro tipo compositivo,<sup>10</sup> as *Geórgicas* ascendem quando cotejadas com as *Églogas* por focalizarem, não sem licenças poéticas, o modo de vida dos camponeses itálicos, tipicamente representados pelo *agricola*, laborioso trabalhador livre da terra; o animal-tipo, neste caso, são os bois de arado, segundo retratados num

<sup>6</sup> O prefixo verbal latino *per* dá ideia da completude de um processo ou ação; *perfectum*, assim, seria algo realmente feito (*factum*) “até o fim”.

<sup>7</sup> FEDELI. *Bucolica, lirica, elegia*, p. 79-80.

<sup>8</sup> TOOHEY. *Epic lessons: an introduction to the ancient didactic poetry*, p. 21.

<sup>9</sup> FEDELI. *Bucolica, lirica, elegia*, p. 50-51.

<sup>10</sup> GALE. *Myth and poetry in Lucretius*, p. 104.

tocante trecho do terceiro livro da obra (III 515-530), e o ambiente, sobretudo, os campos de plantio.

Por fim, a terceira e última obra de Virgílio chega no tempo de sua plena maturidade e representa uma espécie de melancólica celebração dos grandes valores patrióticos romanos (*pietas, fides, fortitudo, labor...*). Ao longo dos doze cantos dessa epopeia, assim, vê-se a saga de Eneias, príncipe refugiado de Troia destruída com os remanescentes de seu povo e empenhado, como queriam os deuses, em aportar na Itália para o estabelecimento das primeiras bases do poderio romano na *Saturnia Tellus*. Os seis primeiros livros da obra, em tal itinerário de cumprimento de um destino comum, são a “Odisseia” ou parte marítima do poema; os seis últimos, por sua vez, concentram-se, como uma “Ilíada” e após o término das muitas aventuras em viagem, nos combates entre os aliados de Eneias e os de Turno, seu rival na conquista da mão da princesa itálica Lavínia.<sup>11</sup>

Em que pese à presença da vasta etapa do deslocamento até a Itália, claro está que a meta do poema e as chances de maior sublimidade das personagens ocorrem na parte dos combates (do canto VII em diante), amiúde corpo-a-corpo como era a regra em Homero. Por isso, o tipo humano mais característico da epopeia virgiliana é o guerreiro, as “paisagens” são os campos de batalha “semeados” de dardos, cadáveres e sangue em jorros, e o animal-tipo corresponde aos corcéis de guerra.

### Fundo cultural e histórico das *Geórgicas*

Os antigos romanos orgulharam-se por muito tempo das tradições dos *maiores*, rudes homens cujos ofícios, conjuntamente manifestos, correspondiam à guerra e à agricultura.<sup>12</sup> O proêmio do *De agricultura* catoniano, a mais antiga “obra” em prosa da literatura latina, dá bem a medida desse senso de

simbiose entre uma e outra esfera cultural e da honradez resultante para todos os que souberam sustentá-las com vigor:

Considero o comerciante diligente e empenhado na busca da riqueza. Em verdade, porém, como eu disse acima, há risco e perigo nos negócios. Mas, dentre os que se dedicam à agricultura, saem homens do maior vigor e soldados da maior coragem; daí se obtém o ganho mais justo, seguro e o menos invejado, e minimamente insidiosos são os que se ocupam deste labor.<sup>13</sup>

Passando por Varrão de Reate (116-27 a.C., autor do diálogo intitulado *De re rustica*) até chegar ao Virgílio das *Geórgicas* (pois, nas *Églogas*, vemos, antes de mais nada, um decalque da poesia helenística em sua variante bucólica, sem, portanto, grandes esforços para a “pintura” de panoramas evocativos da verdadeira vida itálica), então, esse orgulho do romano de ter sua Cidade espantosamente frutificado de bases muito humildes atravessou os séculos e pôde tornar-se um dos sustentáculos ideológicos da obra de que tratamos. No trecho do chamado “elogio da Itália”, por sinal, Virgílio mostra-se entusiasta da têmpera dos filhos dessa terra (II 143-176), pois, em conjunto (romanos, lígures, volscos, sabélicos...), teriam todos contribuído para exaltá-la com mãos potentes em obras de engenharia (v. 155-164), fertilidade agrícola (v. 173) e pujança militar (v. 167-172).

Por outro lado, é importante recordar que os anos finais de escrita das *Geórgicas* coincidem com o desfecho das guerras civis em Roma, tendo ocorrido a vitória de Augusto e o gradativo apaziguamento interno de todos os ânimos a partir da ruína de Marco Antônio e Cleópatra na batalha naval de Ácio (31 a.C.). Ora, como já notávamos a aproximação de Virgílio dos ideais do “augustanismo” desde a estreia literária do autor, com a juvenil escrita das *Églogas*, parece-nos evidente a continuidade desse sentimento de anuência aos novos senhores de uma Roma, enfim, em vias de pacificar-se, também nas páginas das *Geórgicas*.<sup>14</sup>

<sup>11</sup> VASCONCELLOS. *Efeitos intertextuais na “Eneida” de Virgílio*, p. 192.

<sup>12</sup> MILES. *Virgil's “Georgics”*: a new interpretation, p. 7.

<sup>13</sup> Minha tradução.

<sup>14</sup> WILKINSON. *The “Georgics” of Virgil*: a critical survey, p. 173-182.



Não devemos esquecer-nos de que a política augustana pautou-se pelo ganho da confiança de vários setores da sociedade com base em uma *persona* pública de comedimento (e, à maneira de César, até clemência), respeito à memória de seu antecessor e pai adotivo, religiosidade, defesa dos valores tradicionais dos latinos...<sup>15</sup> Então, visando a garantir a felicidade e o retorno aos eixos de seu “país”, nada mais lícito que o poeta, talvez formado em simpatia ao cesarismo desde a infância, de novo tomasse Augusto para *deus* na invocação geral do livro primeiro (I 24-42) e, nessa mesma das quatro partes da obra (I 498-501), verdadeiro socorro de um tempo iníquo. Em outras palavras, julgamos que os ideais romanos personificados em Augusto puderam favorecer-lhe a fácil aclimação a um poema didático como as *Geórgicas*, que se pretendiam, até certo ponto, depositárias do *mos maiorum*.

Mas, como tratamos aqui de uma grande obra da literatura universal, não há que esperar demasiadas simplificações no direcionamento dado pelo poeta aos assuntos de que se ocupa. Isso se aplica também à possível problematização do modo de vida enérgico dos camponeses da Itália (em II 493-540, o poeta *contrapusera* a paz dos campos à belicosidade dos ávidos de ouro!) e da própria figura de Augusto, pois, como combatente em Filipos contra Bruto e Cássio (I 489-492), é óbvio, também ele se enquadra na crítica virgiliana aos guerreiros em luta fratricida.

### As afiliações genéricas e fontes da obra

Caso se levem em conta alguns sinais dados pelos próprios autores antigos em suas obras (pois não dispomos de exaustivas proposições de teóricos greco-latinos quaisquer a definirem algo como um gênero específico da “poesia didática”), teremos chances de divisar ao longo de séculos da prática letrada antiga o desabrochar e o prosseguimento do gênero em pauta.<sup>16</sup> Assim, costuma-se trazer à discussão o Hesíodo de *Os trabalhos e os dias* caso se deseje remontar às

<sup>15</sup> JONES. *Augustus*, p. 131.

<sup>16</sup> DALZELL. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Vergil and Ovid*, p. 21-22.

raízes desse tipo compositivo, acreditamos, suficientemente distinto de seu correlato mais próximo (a épica) para que se lhe atribua alguma autonomia como zona criativa.<sup>17</sup>

Naquela obra, por sinal, o poeta helênico dirigira-se em segunda pessoa a Perses, seu irmão corrupto no assunto da partilha dos bens paternos, e aconselhara-lhe a religiosidade e o trabalho como verdadeiras formas de alcançar segurança e alguma estima diante de deuses e homens.<sup>18</sup> Correspondendo o mundo do autor ao dos modestos camponeses da região da Beócia, o conteúdo agrário de plantio e trato animal adentra os versos de *Os trabalhos e os dias* como sustentáculo da parte prática do texto, ao lado, segundo aludimos de leve, daqueles mais propriamente vinculados à moral.

Interpondo-se significativo lapso de tempo entre a época arcaica de Hesíodo e a nova voga dos textos que o tiveram como referencial artístico, chega-se à era helenística da literatura greco-latina com memoráveis autores como Nicandro, Arato e (em Roma) Ênio. Durante esse período da história literária antiga, com frequência, por causa de poéticas que valorizaram antes de mais nada o esmero construtivo em menor escala,<sup>19</sup> ocorreu a promoção e o resgate de Hesíodo em detrimento do também hexamétrico Homero. Daí, por sinal, o “renascimento” da poesia didática como alternativa à épica heroica.

Ao mesmo tempo, a reatualização da prática de compor obras ao menos superficialmente preceituadoras e endereçadas a uma segunda pessoa de “aluno”<sup>20</sup> acabou por ramificar-se em várias tipologias possíveis: assim, apenas por exemplificar de passagem a potencial riqueza dessa classe compositiva, fez-se, de um lado, a “linhagem” dos textos dedicados a veicular temas filosófico-científicos (caso das obras de Nicandro, Arato e, exemplarmente, de um Lucrécio); de outro, práticos (como, sob o aspecto ostensivo, predomina nas *Geórgicas* virgilianas).

Como característica fundamental aos poemas didáticos, ainda, conta-se a indefectível “intromissão” de trechos supostamente digressivos, vale dizer,

<sup>17</sup> TREVIZAM. *A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da “Ars amatoria” de Ovídio*, p. 19-20.

<sup>18</sup> JAEGER. *Paideia: a formação do homem grego*, p. 87.

<sup>19</sup> OLIVA NETO em *O LIVRO de Catulo*, p. 31.

<sup>20</sup> TOOHEY. *Epic lessons: an introduction to the ancient didactic poetry*, p. 2 *et seq.*

“afastados” da prática “pedagógica” do ensinamento. São partes do entrelaçar de mitos, relatos imagéticos ou episódicos quaisquer e que, não obstante afastadas da postura de veiculação de conteúdos com sistematicidade, acabam sempre por inserir-se harmônicas na trama das obras.<sup>21</sup> Afinal, ilustrar com histórias da mitologia ou de outras matrizes possíveis significa, além de apenas “adornar”, fazer ecoarem os tons morais ou filosóficos predominantes das demais partes dos textos.

Do ponto de vista da incorporação dos saberes agrários encontrados nas *Geórgicas* (e não majoritariamente, segundo vimos esboçando até agora na presente seção, das bases discursivo-formais estruturadoras do essencial da família artística discutida), merecem destaque, além do próprio Hesíodo de *Os trabalhos e os dias*, o “astrônomo” Arato, Teofrasto, o “naturalista” e discípulo de Aristóteles, Lucrecio e Varrão de Reate, com seu *De re rustica* em latim.<sup>22</sup>

Dessa forma, embora a influência hesiódica se restrinja a uma parte do livro primeiro deste poema virgiliano, sua imitação é claramente perceptível em tópicos como a espontânea prodigalidade da terra durante a Idade Áurea (I 127-128), os tempos de arar e semear (I 204-230) e as “alegrias da primavera” (I 341-342). Arato, por sua vez, “cientista” da era helenística e autor de língua grega dos mais admirados e traduzidos em Roma, foi o referencial do poeta no trecho dos “sinais do tempo” (I 351-463), em que notamos o esforço de associar as disposições celestes a determinados fenômenos meteorológicos de importância para os agricultores. Referimo-nos, evidentemente, às tempestades, ventos, chuvas, granizos, secas, grandes frios e calores...

Diante da herança teofrástica e varroniana, por outro lado, divisamos o diálogo de Virgílio com os dois autores que, segundo se crê, constituíram a base mesma da incorporação de saberes especializados (agrícolas) nesta obra. Do primeiro autor, poderíamos dizer, sobretudo citado com implícitas remissões à *Historia* e ao *De causis plantarum*,<sup>23</sup> o poeta didático incorporou, entre outros pontos dispersos, a abordagem dos diferentes métodos de propagar os vegetais (II 9-34) e a variedade dos tipos arbóreos existentes no mundo (II 109-135).

Varrão, por sua vez, que também se dedicara a compor uma obra abrangente no domínio da economia agrária poucos anos antes do surgimento das *Geórgicas*, serviu de fonte técnica para Virgílio ao longo de praticamente todo o poema.<sup>24</sup> Importa aqui lembrar que, no *De re rustica*, ele se pronunciara, segundo os ditames do gênero dialógico da literatura antiga, em três livros respectivamente dedicados ao plantio (de searas ou árvores), à pecuária e à *uillatica pastio*, ou criação de pequenos animais (aves, peixes, lebres...) nas *uillae* romanas, com fins pecuniários ou de ornato. Tem-se, portanto, a nítida impressão de que os temas do erudito e antecessor latino foram desdobrados pelo poeta com a parcial conservação de sua forma de surgimento ali: assim, o livro “botânico” varroniano resultou nas duas primeiras partes das *Geórgicas*; o “pecuário”, na terceira subdivisão do poema didático de Virgílio; por fim, o da *uillatica pastio* sofreu sensível compressão e, como é comum em Virgílio diante de seus referenciais técnicos, seletividade para incorporar apenas, dentre todos os tipos de criação elencados no derradeiro livro do *De re rustica*, a apicultura.

A título de balanço final dessas questões na obra de nosso interesse, então, poderíamos dizer que, enquanto Hesíodo, compreendido como estabelecedor das estruturas-mestras perenizadas na poesia didática subsequente, foi a mais marcante influência discursivo-formal para o Virgílio geórgico (sem, contudo, descartarmos a decisiva participação da poética alexandrina em pontos-chave como a *poikilia* ou *uariatio*, o próprio resgate da arte do *prótos euretés*<sup>25</sup> do gênero, a escrita do estranho *epýllion*<sup>26</sup> de Orfeu e Aristeu ao término mesmo da obra...), Varrão de Reate, por ter feito seu *De re rustica* de maneira organizada e, até certo ponto, capaz de cobrir os mais distintos domínios da economia agrária antiga, tornou-se, talvez, sua referência maior no que diz respeito aos conteúdos técnicos.

Por outro lado, se nos lembrarmos do provável enraizamento varroniano da divisão temática de Virgílio em quatro livros, com a importância estrutural que merece, o erudito de Reate também se enquadrará, ao lado de Hesíodo e seus epígonos, no plano das bases estruturadoras da forma das *Geórgicas*

<sup>21</sup> TOOHEY. *Epic lessons: an introduction to the ancient didactic poetry*, p. 4.

<sup>22</sup> WILKINSON. *The “Georgics” of Virgil: a critical survey*, p. 56-68.

<sup>23</sup> THOMAS em VIRGIL. *Georgics*. Edited by R. F. Thomas, p. 10-11.

<sup>24</sup> THOMAS em VIRGIL. *Georgics*. Edited by R. F. Thomas, p. 11.

<sup>25</sup> “Inventor primeiro”, “descobridor”.

<sup>26</sup> “Pequena épica”, narrativa mítica de tendência alexandrina em hexâmetros, mais limitada na extensão que a épica tradicional.

segundo a temos. Retoricamente, a saber, estaria no plano da *dispositio* a pouco notada (mas fundamental!) contribuição desse olvidado intelectual sabino para a refinada tessitura do único poema didático de Virgílio.

### Traços da arte virgiliana difusos pelas quatro *Geórgicas*

Um poema com a natureza das *Geórgicas*, repartido não apenas entre a diversidade de cada um de seus livros, mas ainda, internamente a eles, entre os muitos assuntos passíveis de receberem tratamento numa “mesma” área temática, não encontra resolução óbvia para o quesito artístico da unidade significativa.<sup>27</sup> No livro primeiro da obra, então, o poeta trata de cada uma das sucessivas fases do cultivo de grãos (arada do solo, escolha das sementes, adubação, semeadura, colheita, armazenamento...) e, sob outro ponto de vista, de mais de uma cultura possível (lentilhas, trigo, milhete...); no II, embora haja o predomínio da abordagem da viticultura com a correspondente série de trabalhos, também aparecem as oliveiras e árvores exóticas; no III, tendo Virgílio procedido à divisão dos rebanhos entre miúdos (de ovelhas, cabritos, etc...) e de animais de maior porte (cavalos e bois), é-nos necessário seguir cada passo dos cuidados de todos os tipos de seres oferecidos a nossos olhos.

Diante do último livro da obra, porém, encontramos uma problemática compositiva algo distinta. Embora, é evidente, também haja aqui o suceder de variados preceitos ou dados descritivos em nexos com o mundo diminuto das abelhas, vê-se apenas essa espécie animal monopolizando toda a subdivisão do texto; mas, há que se notar, esse livro também não é de todo bem coeso nos sentidos, haja vista a profunda ruptura entre a parte “preceituadora” da apicultura e os muitos versos necessários para tecer o *epyllion* de Orfeu e Aristeu ao fecho mesmo das *Geórgicas*...

No entanto, confrontados com a estranha diversidade de assuntos, planos representativos (inclusive, nem sempre idênticos ao do universo agrário,

com “escapadelas” de teor bélico, urbano, político ou filosófico, por exemplo), tratamentos e afinidades genéricas dessa complexa obra virgiliana, não nos sentimos, em absoluto, logrados por qualquer superficialidade ou incoerência do poeta. Até certo ponto, tal efeito poderia ser explicado pelo que, às vezes, foi definido pela crítica como a natureza eminentemente descritiva<sup>28</sup> do texto: de fato, nele se sucedem a todo momento pequenos “sketches” muito vivos, através dos quais, por assim dizer, podemos como que “ver” cenas de trabalhos a apresentarem-se ininterruptas, numa espécie de panorama visual da rotina agrária itálica dos tempos do poeta.

Caso se adote essa postura interpretativa, portanto, uma resposta “compensatória” do poeta para a estranha diversidade de tudo, segundo a desvela aos leitores, seria o gesto “unificador” de conjugá-la ao tratamento predominante visto. Além disso, o próprio talento descritivo de Virgílio, renovado em cada uma de suas “cenas”, contribui para distrair o público dos “saltos” temáticos ou de outra natureza e, desse modo, faz do que em outros seria um “defeito” ocasiões para que se prove a inegável mestria do autor.

Em que pese às boas chances de sustentabilidade dessa hipótese, não se deve privilegiá-la diante de outros procedimentos construtivos mais óbvios e que, julgamos, acabam por conferir sólida estruturação ao todo. De início, pois, salta aos olhos a conhecida alternância de tons entre os livros pares (“otimistas”) e ímpares (“pessimistas”) das *Geórgicas* e, pode-se ver com facilidade, a concomitante harmonia interna a cada díptico assim constituído.<sup>29</sup> Trata-se de um modo de organizar o todo com grande equilíbrio e a recorrência, além de ao recurso semântico, à *dispositio* das grandes subdivisões do texto.

E, sob aspectos mais propriamente atinentes à forma, a existência de traços como um próêmio para cada livro (correspondendo o do primeiro à introdução propositiva para a obra inteira), um “selo” ou *sphragis* no fim do último, que, com o introito do início, “encapsula” o corpo dos preceitos num conjunto sempre iniciado e acabado de forma sinalizada, o número médio de versos encontrável nas quatro partes por vez, o uso contínuo dos hexâmetros datílicos ao escrevê-las e o hábito frequente de inserir “painéis” em princípio

<sup>27</sup> DALZELL. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*, p. 126.

<sup>28</sup> WILKINSON. *The “Georgics” of Virgil: a critical survey*, p. 4 et seq.

<sup>29</sup> WILKINSON. *The “Georgics” of Virgil: a critical survey*, p. 74-75.

“alheios” às recomendações práticas sem sombra de dúvida colabora para o mínimo urdume das *Geórgicas*.

Devemos recordar com Dalzell,<sup>30</sup> ainda, que as tentativas de encontrar um eixo unificador “inatável” do poema no plano de seus conteúdos *não ostensivos* também não têm resultado em muita solidez.<sup>31</sup> Qualquer mínima referência a esse tema exige que lembremos a estranha natureza do modo condutor do “ensinamento” no poema didático identificado com as *Geórgicas*. Desse modo, embora o teor evidente da preceituação do *magister* agrário identificado com “Virgílio” (ou seja, com a voz característica dos poemas do gênero a que ele apenas “emprestou” seu nome) sejam as supracitadas práticas de manejo da agricultura, da pecuária e da apicultura, é claro que a obra não se limita a ser uma espécie de manual “econômico” posto em versos apenas para tornar-se mais facilmente “deglutível” por fazendeiros...<sup>32</sup> Por que esses últimos, por sinal, teriam necessidade das “doçuras” da poesia como antídoto contra as singelezas (ou rudezas) de um tema que nada mais faz além de ecoar-lhes a rotina? Por outro lado, rudes e empenhados fazendeiros, parece-nos, nenhum outro interesse teriam numa obra de preceituação prática exceto informar-se para poderem conduzir os trabalhos em suas terras mais imbuídos de conhecimentos úteis...

Na contramão do normalmente esperado em tais circunstâncias, porém, observam-se no texto estranhos procedimentos que contradizem o privilégio dos propósitos de instrução prática como meta da obra. Em primeiro lugar, chamamos a atenção, com outros autores,<sup>33</sup> para a inusitada seletividade dos assuntos nessa obra de suposta preceituação rural: nos campos itálicos, por exemplo, os cavalos eram animais de importância secundária, dada sua comum substituição pelos bois ou burros para o transporte de cargas mais ou menos

pesadas.<sup>34</sup> No entanto, tem-se a curiosa omissão desses últimos animais no livro da obra destinado a descrever a pecuária... em favorecimento dos corcéis. Ora, semelhante apagamento também ocorre com os porcos, apontados pelos estudiosos da alimentação e da vida rural romana<sup>35</sup> como um dos mais úteis animais para os camponeses da Itália antiga.

Claro está, nos dois casos apontados à guisa de exemplificação, que os motivos de ter o poeta procedido como o fez são a submissão do gesto de informar para a vida agrária ao de fazer poesia minimamente comprometida com um nível expressivo que fuja à plena banalidade. Pois, está-se a ver, enquanto porcos e burros, em sua áspera concretude, arriscariam Virgílio a resvalar no ridículo expressivo, os equinos, por sua natureza de animais enobrecidos pelos nexos com a guerra, o poder humano e as várias fábulas mitológicas que os têm como coadjuvantes, tornaram-se melhores candidatos ao ingresso num texto que não deixa de ter parentescos com a própria épica.

Embora tais formas de raciocinar para justificarmos as escolhas de Virgílio pudessem encontrar refutações, por exemplo, na própria entrada dos carneiros e cabritos nos horizontes representativos do autor (também não são seres igualmente “baixos”, mais “prosaicos”, por assim dizer, do que os bois de arado, que acima apontamos como o animal-tipo da poesia antiga de caráter didático?), não se trata do mesmo tipo de “humildade”. Afinal, cabendo no uso da cultura antiga inclusive conotações morais pouco desejáveis para os dois tipos de criação omitidos nas *Geórgicas*,<sup>36</sup> enquanto ovinos e caprinos, por singelos que fossem, já tinham sido incorporados sem problemas pela tradição bucólica, não haveria grandes empecilhos para esses últimos continuarem a surgir na nova obra agrária de Virgílio.

Semelhantes funcionamentos deste poema, então, apontam claramente que a camada constitutiva da obra que se vincula aos assuntos agrários não passa de uma ficção, pois a figura do “rústico” moldada como receptor textual dos conselhos de um *magister* tão receoso de tocar em “ninharias” não poderia,

<sup>30</sup> DALZELL. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*, p. 126-129.

<sup>31</sup> Que os temas religiosos, políticos, morais e filosóficos se agregam densamente às *Geórgicas* é inegável. Porém, como demonstramos em outra parte (TREVIZAM. Heterogeneidade enunciativa e discursiva nas “Geórgicas” de Virgílio, p. 191-196), esta obra está longe de favorecer a harmonização ideológica de tudo, deixando-nos hesitantes sobre o que, enfim, seria a “mensagem sublimada” definitiva a retirar dos modestos preceitos do *magister* agrário virgiliano.

<sup>32</sup> DALZELL. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*, p. 105-108.

<sup>33</sup> DALZELL. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*, p. 107.

<sup>34</sup> ROBERT. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*, p. 264-269.

<sup>35</sup> ROBERT. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*, p. 264.

<sup>36</sup> Ver, sobre a glutoneria dos porcos (ou humanos assim chamados por ofensa), IV *Epístola* (v. 15-16) de Horácio; sobre a associação dos burros com a falta de inteligência, ver mito do nascimento das orelhas do animal em Midas, por ter preferido Pã ao deus Apolo num concurso musical.

na verdade, corresponder a agricultores na “vida real”. Em outras palavras, se o fingido “mestre” de agricultura não se aprofunda em todas as cruzeiras da lida campesina, decerto é para poupar o público *urbano* do choque, do tédio e da sensação de inadaptabilidade dos dizeres no tácito pacto firmado entre ambos os lados do jogo literário em pauta.

Um outro procedimento virgiliano de “desmascaramento” da posição central da instrução agrária nas *Geórgicas* é o que chamaríamos de “resumo”. Ele diz respeito, como o nome aleatoriamente adotado aqui já poderia levar a ver, ao gesto poético de “comprimir” vários tópicos das práticas agrárias que se abordam uns após os outros.<sup>37</sup> Então, seria o caso de nos perguntarmos com Dalzell<sup>38</sup> se o tratamento da cultura da oliveira em apenas seis versos do livro segundo da obra bastaria para orientar quaisquer *agricolae* interessados em obter o máximo dessa árvore fundamental na vida mediterrânea antiga. Ainda, muitos temas que se descrevem de passagem na obra são também prejudicados em sua clareza expositiva pelo fato mesmo de o autor concentrar-se, na verdade, bem mais nas faces rendosas para a trama ficcionalmente urdida do que em explicá-los com vistas a garantir a reprodução de fazeres. Um exemplo possível é a alusão virgiliana ao processo de seleção “uma a uma” das sementes pelos agricultores no livro primeiro das *Geórgicas* (I 197-199), claramente visando a obter a boa produtividade em suas culturas: quais os métodos empregados para isso? Que sinais diferenciariam uma cepa de boas de outra de más sementes? Que tipo vegetal necessita, tão fragilizado caso não passe por um processo tão penoso para os *agricolae*, receber esse minucioso tratamento? São respostas que Virgílio não nos oferece, decerto mais preocupado em enfatizar nesse livro “pessimista” da obra, segundo já o apresentamos, a dificuldade de todos os cultivos na mítica Idade Férrea do que pontos particulares da condução de quaisquer plantios.

<sup>37</sup> DALZELL. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*, p. 106-107.

<sup>38</sup> DALZELL. *The criticism of didactic poetry: essays on Lucretius, Virgil and Ovid*, p. 107.

## Estrutura do primeiro livro das *Geórgicas* e breve descrição de cada parte

Como é comum em várias obras antigas, as *Geórgicas* se abrem com um próêmio escrito à maneira de guia proposicional para o texto todo. Então, de I 1 a I 5, o poeta enumera, na ordem em que de fato surgirão em seus versos, os “trabalhos”, os “dias”, a união dos olmeiros às parreiras, os bois (ou rebanhos) e as abelhas. Curiosamente, cabendo a cada um desses grandes campos temáticos um único dos quatro livros das *Geórgicas*, Virgílio sempre inicia a menção resumida a eles nos versos de número correspondente ao das partes do texto em que, de fato, surgirão.

Logo em seguida, ainda no verso 5 deste livro de abertura, encontramos uma também tradicional invocação aos deuses, que se pode dividir em duas porções principais. A primeira delas, de I 5 a I 23, identifica-se com o “chamamento” dos numes protetores dos campos, do pastoreio e dos *ruricolae* em geral, nomeados (caso de “Líber”, ou Baco) ou não (caso do “menino inventor do arado curvo” por “Triptólemo”, I 19); a segunda (I 24-42), contribuindo para inserir a problemática humana e social tratada nas *Geórgicas* em plena contemporaneidade do poeta, faz de “César” um deus a adicionar-se a todos os demais citados até então, evidentemente remetendo-nos, pelo fato mesmo de tratar-se de um soberano vivo, à figura de Otaviano, o futuro imperador Augusto, que naquela época despontava como o principal líder do mundo romano.

Vale dizer que Augusto é a segunda personalidade contemporânea a adentrar a trama das *Geórgicas*, pois, logo em I 2, o poeta citara Mecenas para torná-lo dedicatário dessa obra de assunto rural. Ora, já por isso estamos cientes da natureza, simultaneamente, antes filosófico-literária e política do poema, pois, segundo sinalizamos acima, seria descabido associar a um texto com o refinamento, a complexidade e o público deste a mera dimensão de um guia agrário superficial.

A partir de I 43, inicia-se a dita parte “hesiódica” das *Geórgicas*,<sup>39</sup> em que não só se conserva o uso daquele autor helênico arcaico de cindir sua preceituação entre os modos de fazer cada tarefa agrícola e a melhor hora para isso, mas, por vezes, ocorrem mesmo próximas imitações textuais de Hesíodo. No

<sup>39</sup> THOMAS em VIRGIL. *Georgics*. Edited by R. F. Thomas, p. 112.

conhecido comentário de Thomas, assim, a parte dos “trabalhos” foi dividida entre os tópicos da arada da terra (I 43-70), dos cuidados desse elemento da paisagem rural (I 71-99, incluindo, por exemplo, adubação e alternância de culturas), de irrigá-la e drená-la (I 100-117), o “painel” mítico da mudança das Idades (I 118-146), a introdução da agricultura no mundo e os contínuos cuidados dos *agricolae* na Era Férrea (I 147-159), as “armas” dos agricultores (I 160-175), os “atentados naturais” contra os trabalhos humanos (I 176-203), as horas de arar e semear (I 204-230) e o “excurso” das zonas geográficas do mundo (I 231-256); no “setor” dos “dias”, por outro lado, contam-se para ele os trabalhos a serem feitos quando há tempo ruim e nos feriados (I 257-275), os “dias” propriamente ditos (I 276-286) e os trabalhos noturnos e de inverno (I 287-310).

Os versos correspondentes a I 311-350 são os da passagem das tempestades de primavera e início de outono, tempos em que havia colheitas de diferentes itens na Itália de Virgílio.<sup>40</sup> Contribuindo para dar o tom “pessimista” através da ênfase nas infundáveis fadigas do camponês (que precisa temer até mesmo quando já obteve a frutificação abundante da terra com desmesurado esforço!), essa parte ainda contém avisos a favor da piedade para com os deuses rústicos como “arma” concomitante à cautela e à previdência (I 338, I 344-350).

O longo trecho compreendido entre I 351 e I 463, que o comentador citado define genericamente como ocupando-se dos “sinais do tempo”, pode também sofrer divisões internas segundo as especificidades dos temas pouco a pouco abordados. A primeira “seção” assim definida (I 351-392), segundo Thomas, seria a dos indícios de tempo ruim presentes em várias faces da natureza (ventos, animais, aspecto dos astros...); a segunda (I 393-423) identifica-se, especificamente, com oferecer ao *agricola* os indícios de tempo bom, com base em observações de astros, comportamentos de seres vivos... Na terceira (I 424-437), divisamos os indícios climáticos oferecidos pela lua, enquanto na quarta (I 438-463) se tem aqueles do sol. Em seu todo, a passagem dos “sinais do tempo” corresponde ao último trecho de caráter, de fato, preceituador do livro inicial das *Geórgicas*, pois até ela, o que não mais se dá em seguida, encontramos o oferecimento de diretrizes através das quais os *agricolae* poderiam guiar-se para agir com acerto.

<sup>40</sup> THOMAS em VIRGIL. *Georgics*. Edited by R. F. Thomas, p. 112.

Logo após o fim parcial do “curso” de agricultura do *magister* virgiliano, vemo-nos lançados num plano distinto, de muito maior envergadura temática (I 463-497). Dessa forma, com o início da descrição dos portentos que se seguiram ao “funesto” assassinato de Júlio César, encontramos-nos em plena abordagem política desse evento fulcral da história latina, de um modo francamente indicador, como dissemos, do inegável “cesarismo” do poeta. O trecho também sinaliza a entrada de crenças estruturadoras das velhas tradições religiosas romanas<sup>41</sup> no corpo das *Geórgicas*, de modo que, sem sombra de dúvida, contribui-se pela menção “fantasmagórica” às consequências da morte de César para associar a nascitura dinastia Júlio-Claudiana à ideia de *pietas*, tão genuinamente latina. Nesse jogo de estabelecimento de elos, assim, *pii* seriam os que se adaptam politicamente ao “desejo divino”, no sentido de aceitarem o domínio dos Césares, enquanto apenas aos sacrílegos (como os implícitos Bruto e Cássio, conspiradores principais contra o ditador assassinado) caberia querer “frear” a inexorável marcha do destino.

Por fim, este livro se acaba, de certo modo, como se tinha iniciado, ou seja, com uma espécie de prece (I 498-514) em que são invocados os “deuses pátrios”, os “Indígetes”, “Rômulo”, “Mãe Vesta” e, de novo, César (Otaviano). O teor da passagem imediatamente anterior, por sinal, explica o tom desta, pois Virgílio mencionara ali a completa degeneração da sociedade romana sob o fardo das guerras civis. Nesse sentido, a especial recorrência ao socorro advindo de Otaviano configura-se como espécie de premonição, pois, realmente, o fato concreto de sua vitória na Batalha de Ácio (31 a.C.), viria significar o fim absoluto das sangrentas querelas da guerra intestina em Roma e o início de um período de plena estabilidade para o império.

Com a conclusão deste último tópico, portanto, vemo-nos ao término dessas considerações iniciais, que se pretendem minimamente orientadoras dos leitores pouco familiarizados com a arte de Virgílio ou a maneira clássica de expressão. No entanto, a leitura das traduções que se seguem (quem sabe com o cotejo do original latino!) sem dúvida poderá fazer mais pela aproximação entre o público e esta instigante amostra da obra virgiliana que nossas vãs tentativas de apreender-lhe toda a riqueza.

<sup>41</sup> FERGUSON. *The religions of the Roman empire*, p. 150 et seq.

## Georgicon I

Publius Vergilius Maro

5 Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram  
uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis  
conueniat, quae cura bouum, qui cultus habendo  
sit pecori, apibus quanta experientia parcis,  
hinc canere incipiam. Vos, o clarissima mundi  
lumina, labentem caelo quae ducitis annum,  
Liber et alma Ceres, uestro si munere tellus  
Chaoniam pingui glandem mutauit arista  
poculaque inuentis Acheloia miscuit uuis;  
10 et uos, agrestum praesentia numina, Fauni,  
ferte simul Faunisque pedem Dryadesque puellae:  
munera uestra cano. Tuque o, cui prima frementem  
fudit equom magno tellus percussa tridenti,  
Neptune, et cultor nemorum, cui pingua Caeae  
15 ter centum niuei tondent dumeta iuueni;  
ipse, nemus linqvens patrium saltusque Lycaei,  
Pan, ouium custos, tua si tibi Maenala curae,  
adsis, o Tegeae, fauens; oleaeque Minerua  
inuentrix, unciue puer monstrator aratri;  
20 et teneram ab radice ferens, Siluane, cupressum;

## Geórgicas I

Tradução de Matheus Trevizam

O que torna as searas alegres, sob qual astro convém volver a terra, Mecenas,<sup>1</sup> e unir a videira aos olmos, que cuidado pedem os bois, que trabalho o rebanho de alguém e quanta destreza nas abelhas frugais começarei a cantar daqui.

Ó vós, luzes claríssimas do mundo, que conduzis o curso anual no céu! Ó Líber<sup>2</sup> e Ceres criadora,<sup>3</sup> se por vosso dom a terra trocou a glande caônia<sup>4</sup> pela espiga rica e misturou as águas do Aqueloo<sup>5</sup> às uvas descobertas! E vós Faunos,<sup>6</sup> numes benfazejos aos agricultores, vinde juntos Faunos e moças Dríades:<sup>7</sup> canto vossos dons! E tu, ó Netuno, para quem pela primeira vez a terra, batida pelo grande tridente, gerou um cavalo a fremir! E tu, morador dos bosques,<sup>8</sup> para quem trezentos bezerros de neve tosam os ricos sarçais de Ceae!<sup>9</sup> Tu mesmo, Pã guardador de ovelhas, deixando o bosque paterno e as clareiras liceias,<sup>10</sup> vem assistir e ajudar, ó Tegeu,<sup>11</sup> se te importas com teu Mênalo!<sup>12</sup> Minerva criadora da oliveira, menino inventor do arado curvo<sup>13</sup> e Silvano,<sup>14</sup> portando um cipreste novo desenraizado!

dique deaeque omnes, studium quibus arua tueri,  
 quique nouas alitis non ullo semine fruges  
 quique satis largum caelo demittitis imbrem.  
 Tuque adeo, quem mox quae sint habitura deorum  
 25 concilia incertum est, urbisne inuisere, Caesar,  
 terrarumque uelis curam, et te maximus orbis  
 auctorem frugum tempestatumque potentem  
 accipiat, cingens materna tempora myrto,  
 an deus immensi uenias maris ac tua nautae  
 30 numina sola colant, tibi seruiat ultima Thule  
 teque sibi generum Tethys emat omnibus undis,  
 anne nouum tardis sidus te mensibus addas,  
 qua locus Erigonen inter Chelasque sequentis  
 panditur (ipse tibi iam brachia contrahit ardens  
 35 Scorpius et caeli iusta plus parte reliquit):  
 quidquid eris (nam te nec sperant Tartara regem,  
 nec tibi regnandi ueniat tam dira cupido,  
 quamuis Elysios miretur Graecia campos,  
 nec repetita sequi curet Proserpina matrem),  
 40 da facilem cursum atque audacibus adnue coeptis,  
 ignarosque uiae mecum miseratus agrestis  
 ingredere et uotis iam nunc adsuesce uocari.  
 Vere nouo, gelidus canis cum montibus umor  
 liquitur et Zephyro putris se glaeba resoluit,  
 45 depresso incipiat iam tum mihi taurus aratro  
 ingemere et sulco adtritrus splendescere uomer.  
 Illa seges demum uotis respondet auari  
 agricolae, bis quae solem, bis frigora sensit;  
 illius immensae ruperunt horrea messes.  
 50 Ac prius ignotum ferro quam scindimus aequor,  
 uentos et uarium caeli praediscere morem  
 cura sit ac patrios cultusque habitusque locorum,  
 et quid quaeque ferat regio et quid quaeque recuset.

Deuses e deusas todos, cujo cuidado é guardar os campos, que alimentais searas novas sem semente alguma e mandais chuva bastante farta do céu! E tu, sobretudo, embora não saibamos quais concílios divinos logo terão, ó César:<sup>15</sup> queres ver as cidades, cuidar das terras e o vasto mundo te recebe como autor das colheitas e mestre do tempo, cingindo-te as tēmporas com o mirto materno?<sup>16</sup> Vens como deus do mar imenso e os marinheiros apenas teus numes cultuam? Tule<sup>17</sup> longínqua te serve e Tétis<sup>18</sup> faz de ti o seu genro, pagando com cada onda? Juntas-te como um novo astro aos meses duradouros, onde se abre um espaço entre Erígona<sup>19</sup> e os braços ameaçadores do Escorpião (ele mesmo, brilhando, já contrai os braços para ti e deixou mais do que a parte justa do céu)? O que quer que fores (ora, nem te esperam os Tártaros<sup>20</sup> para rei, nem manifestes tão terrível desejo de reinar, embora a Grécia admire os Campos Elíseos<sup>21</sup> e Perséfone saudosa<sup>22</sup> não se preocupe com seguir a mãe!), facilita o caminho e aprova a ousadia inicial; apiedando-te comigo dos rústicos ignorantes da via, vem, e desde já acostuma-te a ser invocado com preces!

No início da primavera, quando a água congelada se derrete nos montes brancos e a gleba quebradiça é desfeita por Zéfiro,<sup>23</sup> já me comece o touro a gemer, rebaixado o arado, e a relha, friccionada pelo sulco, a brilhar. Corresponde por fim aos votos do agricultor ávido o campo que duas vezes o sol, duas vezes o frio sentiu: colheitas imensas fenderam celeiros.

Antes de rompermos um campo desconhecido com ferro, tenha-se o cuidado de conhecer primeiro os ventos, o caráter mutável do clima, os cultivos ancestrais e usanças dos lugares e o que cada região produz ou recusa.



55 Hic segetes, illic ueniunt felicius uuae,  
 arborei fetus alibi atque iniussa uirescunt  
 gramina. Nonne uides croceos ut Tmolus odores,  
 Índia mittit ebur, molles sua tura Sabaei,  
 at Chalybes nudi ferrum uirosaue Pontus  
 60 castorea, Eliadum palmas Epiros equarum?  
 Continuo has leges aeternaue foedera certis  
 imposuit natura locis, quo tempore primum  
 Deucalion uacuom lapides iactauit in orbem,  
 unde homines nati, durum genus. Ergo age, terrae  
 pingue solum primis extemplo a mensibus anni  
 65 fortes inuertant tauri, glaebasque iacentis  
 puluerulenta coquat maturis solibus aestas;  
 at si non fuerit tellus fecunda, sub ipsum  
 Arcturum tenui sat erit suspendere sulco:  
 illic, officiant laetis ne frugibus herbae,  
 70 hic, sterilem exiguus ne deserat umor harenam.  
 Alternis idem tonsas cessare noualis  
 et segnem patiere situ durescere campum;  
 aut ibi flaua seres mutato sidere farra,  
 unde prius laetum siliqua quassante legumen  
 75 aut tenuis fetus uiciae tristisque lupini  
 sustuleris fragilis calamos siluamque sonantem.  
 Vrit enim lini campum seges, urit auenae,  
 urunt Lethaeo perfusa papauera somno.  
 Sed tamen alternis facilis labor; arida tantum  
 80 ne saturare fimo pingui pudeat sola, neue  
 effetos cinerem immundum iactare per agros.  
 Sic quoque mutatis requiescunt fetibus arua,  
 nec nulla interea est inaratae gratia terrae.  
 Saepe etiam sterilis incendere profuit agros,  
 85 atque leuem stipulam crepitantibus urere flammis:  
 siue inde occultas uiris et pabula terrae  
 pingui concipiunt, siue illis omne per ignem  
 excoquitur uitium atque exsudat inutilis umor,

Aqui brotam com mais viço as searas, lá, as uvas, em outro lugar os rebentos das árvores e as ervas naturais prosperam. Acaso não vês como o Tmolos<sup>24</sup> produz açafreões cheirosos, a Índia o marfim, os sabeus afeminados<sup>25</sup> seus incensos, mas os cálibes<sup>26</sup> nus o ferro, o Ponto os castóreos<sup>27</sup> fétidos e o Epiro as palmas das éguas elíades?<sup>28</sup> A natureza impôs para sempre essas leis e convenções eternas a lugares específicos, desde que Deucalião<sup>29</sup> lançou pedras ao mundo vazio, origem dos homens, uma estirpe dura. Eia, então! Que touros fortes trabalhem o rico substrato da terra logo nos primeiros meses do ano, e o calor poeirento cozinhe as glebas expostas com sóis em força máxima; mas, se a terra não for fecunda, bastará erguê-la com sulco ligeiro sob Arcturo<sup>30</sup> mesmo: lá, para que a erva não estorve searas alegres; aqui, para que a pouca umidade não se vá da areia estéril.

Tu mesmo, alternadamente, concede descanso ao alqueive que se ceifou e deixa que o campo improdutivo recobre forças em pousio. Ou, mudando-se a estação, plantarás louros trigos lá donde tiveres colhido antes a alegre leguminosa de casca trêmula, a leve semente da ervilhaca ou as frágeis hastes do tremço amargo, mato farfalhante. Com efeito, queima o campo um linhal, queima a aveia, queimam as papoulas imersas em um sono leteu;<sup>31</sup> havendo alternância, porém, o esforço é sem pena; apenas não tenhas vergonha de impregnar os solos com o esterco rico, nem de lançar a cinza imunda em campos exauridos. Também assim, trocadas as culturas, os campos repousam, e a terra não arada ganha algo enquanto isso.

Muitas vezes, ainda foi bom incendiar campos estéreis e queimar a haste leve com chamas crepitantes, quer daí as terras reúnam suas forças latentes e os ricos adubos, quer todo o seu defeito seja abrasado pelo fogo e a umidade inútil saia,

90 seu pluris calor ille uias et caeca relaxat  
 spiramenta, nouas ueniat qua sucus in herbas,  
 seu durat magis et uenas adstringit hiantis,  
 ne tenues pluuiiae rapidiue potentia solis  
 acrior aut Boreae penetrabile frigus adurat.  
 Multum adeo, rastris glaebas qui frangit inertis  
 95 uimineasque trahit cratis, iuuat arua, neque illum  
 flaua Ceres alto nequiquam spectat Olympo;  
 et qui, proscisso quae suscitatur aequore terga,  
 rursus in obliquom uerso perrumpit aratro  
 exercetque frequens tellurem atque imperat aruis.  
 100 Vmida solstitia atque hiemes orate serenas,  
 agricolae; hiberno laetissima puluere farra,  
 laetus ager: nullo tantum se Mysia cultu  
 iactat et ipsa suas mirantur Gargara messis.  
 Quid dicam, iacto qui semine comminus arua  
 105 insequitur cumulosque ruit male pinguis harenae,  
 deinde satis fluuium inducit riuosque sequentis  
 et, cum exustus ager morientibus aestuat herbis,  
 ecce supercilio cliuosi tramitis undam  
 elicit? Illa cadens raucum per leuia murmur  
 110 saxa ciet, scatebrisque arentia temperat arua.  
 Quid qui, ne grauidis procumbat culmus aristis,  
 luxuriam segetum tenera depascit in herba,  
 cum primum sulcos aequant sata, quique paludis  
 collectum umorem bibula deducit harena?  
 115 Praesertim incertis si mensibus amnis abundans  
 exit et obducto late tenet omnia limo,  
 unde cauae tepido sudant umore lacunae.  
 Nec tamen, haec cum sint hominumque bouumque labores  
 uersando terram experti, nihil improbus anser  
 120 Strymoniaeque grues et amaris intiba fibris  
 officiant aut umbra nocet. Pater ipse colendi  
 haud facilem esse uiam uoluit, primusque per artem  
 mouit agros, curis acuens mortalia corda,  
 nec torpere graui passus sua regna ueterno.

quer o calor afrouxe as muitas passagens e fendas cegas por onde vem a seiva para as ervas novas, quer obstrua mais e aperte as veias abertas para que os chuviscos, a força bruta do sol ardente ou o frio penetrante de Bóreas<sup>32</sup> não queimem a superfície.

De fato, muito ajuda os campos quem desfaz glebas estéreis com ancinhos e arrasta grades de vime: a loura Ceres não o observa em vão do alto Olimpo, nem quem, fendendo o campo, eleva-lhe a superfície, de novo rompe de través virando o arado, sem parar amanhã a terra e dá ordens aos campos.

Pedi solstícios úmidos e invernos serenos, agricultores; em um inverno poeirento, os cereais são felicíssimos e o campo é alegre: a Mísia<sup>33</sup> gaba-se tanto sem cultivo algum, e os próprios Gárgaros<sup>34</sup> se admiram com suas colheitas.

O que direi de quem, feita a sementeira, de perto luta com a terra e desfaz montes de areia pouco rica, depois traz água na medida e correntes no encaicho, mas, quando o campo seco arde com ervas moribundas, atrai a linfa do topo de um caminho íngreme? Enquanto cai pelos pequenos seixos, ela faz um murmúrio rouco e mistura os campos arenosos ao jorro. E o que direi de quem, para que a haste não se dobre com espigas pesadas, dá a comer o excesso das colheitas nos primeiros verdes, assim que as plantas se igualam aos sulcos, e remove a umidade tomada dos pântanos com a areia absorvente? Sobretudo, nos meses incertos, se um rio cheio transborda e de tudo se apodera por vasto espaço com limo aderente; disso, charcos profundos manam um líquido tépido.

Contudo, embora o esforço de homens e bois isso tudo tenha feito ao ararem o solo, um tanto estorva a pata má, os grous do Estrimão<sup>35</sup> e a endívia de fibras amargas, ou a sombra prejudica. O próprio Pai<sup>36</sup> quis que o caminho do cultivo não fosse fácil e primeiro moveu os campos com a técnica, aguilhoando os corações mortais com preocupações, nem suportou embotar os seus reinos em uma inércia pesada.

125 Ante Iouem nulli subigebant arua coloni;  
 ne signare quidem aut partiri limite campum  
 fas erat; in medium quaerebant, ipsaque tellus  
 omnia liberius, nullo poscente, ferebat.  
 Ille malum uirus serpentibus addidit atris  
 130 praedarique lupos iussit pontumque moueri  
 mellaque decussit foliis ignemque remouit  
 et passim riuus currentia uina repressit,  
 ut uarias usus meditando extunderet artis  
 paulatim et sulcis frumenti quaereret herbam  
 135 et silicis uenis abstrusum excuderet ignem.  
 Tunc alnos primum fluuii sensere cauatas;  
 nauita tum stellis numeros et nomina fecit,  
 Pleiadas, Hyadas, claramque Lycaonis Arcton;  
 tum laqueis captare feras et fallere uisco  
 140 inuentum et magnos canibus circumdare saltus;  
 atque alius latum funda iam uerberat amnem  
 alta petens, pelagoque alius trahit umida lina;  
 tum ferri rigor, atque argutae lammina serrae  
 (nam primi cuneis scindebant fissile lignum),  
 145 tum uariae uenere artes: labor omnia uicit  
 improbus et duris urgens in rebus egestas.  
 Prima Ceres ferro mortalis uertere terram  
 instituit, cum iam glandes atque arbuta sacrae  
 deficerent siluae et uictum Dodona negaret.  
 150 Mox et frumentis labor additus, ut mala culmos  
 esset robigo segnisque horreret in aruis  
 carduos: intereunt segetes, subit aspera silua,  
 lappaeque tribolique, interque nitentia culta  
 infelix lolium et steriles dominantur auenae.  
 155 Quod nisi et assiduis herbam insectabere rastris  
 et sonitu terrebis auis et ruris opaci  
 falce premes umbras uotisque uocaueris imbrem,  
 heu! magnum alterius frustra spectabis aceruom  
 concussaue famem in siluis solabere quercu.

Antes de Júpiter, colono algum subjugava os campos; sequer era lícito marcar ou repartir um campo com limites. Buscavam o alimento em comum, e a própria terra produzia de tudo muito mais livremente, sem que ninguém pedisse. Ele deu o veneno ruim às negras serpentes, mandou que os lobos caçassem e o mar se agitasse, derramou o mel das folhas, escondeu o fogo e fez cessar o vinho corrente a cada passo nos rios para que, maquinando os usos, o homem criasse as várias técnicas aos poucos, buscasse a planta do trigo com sulcos e tirasse o fogo oculto dos veios rochosos. Então, pela primeira vez os rios sentiram os álamos escavados; então, o navegante contou e deu nome às estrelas: Plêiades,<sup>37</sup> Híades<sup>38</sup> e clara Árcton de Licaão;<sup>39</sup> então, capturavam sem predecessor as feras com armadilhas, enganavam-nas com visco e cercavam grandes bosques com cães. E um agora golpeia o rio largo com a rede buscando as profundezas, outro arrasta cordas molhadas no mar; então, veio a dureza do ferro e a lâmina da serra aguda (pois os do início fendiam a madeira mole com cunhas); então, vieram as várias técnicas, e o trabalho incessante se assenhoreou de tudo com a necessidade, que oprime em dura situação.

Ceres determinou em primeiro lugar que os mortais trabalhassem a terra com o ferro, faltando já as glandes e os medronhos do bosque sagrado e negando Dodona<sup>40</sup> o alimento. Logo o sofrer se fez companheiro também dos cereais, pois a ferrugem ruim roía as hastes e o cardo improdutivo se eriçava nos campos; as searas morrem; insinua-se um mato espinhento; bardana e abrolho, o joio infeliz e as aveias estéreis dominam entre campos florescentes. Se não segares, pois, constantemente a erva, espantares as aves com ruídos, perseguires as sombras do campo escuro com a foíce e chamares a chuva com preces, ai! em vão observarás um vasto celeiro de outro e matarás tua fome golpeando o carvalho nas matas!

160 Dicendum et quae sint duris agrestibus arma,  
 quis sine nec potuere seri nec surgere messes:  
 uomis et inflexi primum graue robur aratri  
 tardaue Eleusinae matris uoluentia plaustra  
 tribulaue traheaeque et iniquo pondere rastro;  
 165 uirgea praeterea Celei uilisque supellex,  
 arbutae crates et mystica uannus Iacchi:  
 omnia quae multo ante memor prouisa repones,  
 si te digna manet diuini gloria ruris.  
 Continuo in siluis magna ui flexa domatur  
 170 in burim et curui formam accipit ulmus aratri.  
 Huic ab stirpe pedes temo protentus in octo,  
 binae aures, duplici aptantur dentalia dorso;  
 caeditur et tilia ante iugo leuis altaque fagus  
 stiuaque, quae currus a tergo torqueat imos,  
 175 et suspensa focus explorat robora fumus.  
 Possum multa tibi ueterum praecepta referre,  
 ni refugis tenuisque piget cognoscere curas.  
 Area cum primis ingenti aequanda cylindro  
 et uertenda manu et creta solidanda tenaci,  
 180 ne subeant herbae neu puluere uicta fatiscat,  
 tum uariae inludant pestes: saepe exiguus mus  
 sub terris posuitque domos atque horrea fecit,  
 aut oculis capti fodere cubilia talpae,  
 inuentusque cauis bufo et quae plurima terrae  
 185 monstra ferunt, populatque ingentem farris aceruom  
 curculio atque inopi metuens formica senectae.  
 Contemplator item, cum se nux plurima siluis  
 induet in florem et ramos curuabit olentis:  
 si superant fetus, pariter frumenta sequentur,  
 190 magnaue cum magno ueniet tritura calore;  
 at si luxuria foliorum exuberat umbra,  
 nequiquam pinguis palea teret area culmos.

Também se deve dizer quais são as armas dos camponeses duros, sem o que as messes não puderam ser cultivadas nem surgir: primeiro, a relha e a madeira pesada do arado curvo, os rolantes carros lentos da Mãe eleusina,<sup>41</sup> grades, trilhos e ancinhos de peso excessivo. E, além disso, os vimes de Celeu<sup>42</sup> e os utensílios humildes: grades de medronheiro e a joeira mística de Iaco,<sup>43</sup> tudo o que, lembrando-te, guardarás de reserva com muita antecedência, se a glória honesta do campo divino está reservada a ti.

Continuamente, nos bosques, o olmo curvado com grande força é domado para tornar-se rabiça e recebe a forma do arado adunco. Adaptam-se a ele, pela raiz, um temão com o comprimento de oito pés, duas aivecas e os dentais de dorso duplo. Também a tília leve, a faia alta e a rabiça, que, atrás, permite girar as rodas inferiores, são cortadas antes para o jugo; a fumaça testa carvalhos suspensos ao fogo.

Posso contar-te muitos preceitos dos antigos, se não te afastas nem te enfadas em conhecer cuidados miúdos. Primeiro, a eira deve ser nivelada com um grande cilindro, lavrada à mão e solidificada com greda tenaz, para que as ervas não se acerquem, nem se rache vencida pelo pó e, assim, várias pestes escarneçam: com frequência, o rato pequenino construiu seu ninho debaixo da terra e fez seu celeiro, ou as toupeiras cegas escavaram moradas, o sapo e muitos monstros que as terras produzem foram encontrados em covas; o gorgulho e a formiga que teme uma velhice indigente pilham um monte enorme de cereal.

Igualmente observa, quando muita amendoeira se cobrir de flores nas matas e recurvar os ramos perfumados: se os frutos excedem, também virão os cereais e uma grande colheita vai ser pisada no calor forte; mas, se a folhagem excessiva abunda em sombra, em vão a eira debulhará hastes cheias de palha.

Semina uidi equidem multos medicare serentis  
 et nitro prius et nigra perfundere amurca,  
 195 grandior ut fetus siliquis fallacibus esset  
 et quamuis igni exiguo properata maderent.  
 Vidi lecta diu et multo spectata labore  
 degenerare tamen, ni uis humana quotannis  
 maxima quaeque manu legere. Sic omnia fatis  
 200 in peius ruere ac retro sublapsa referri!  
 Non aliter quam qui aduerso uix flumine lembum  
 remigiis subigit, si bracchia forte remisit  
 atque illum in praiceps prono rapit alueus amni.  
 Praeterea tam sunt Arcturi sidera nobis  
 205 Haedorumque dies seruandi et lucidus Anguis,  
 quam quibus in patriam uentosa per aequora uectis  
 Pontus et ostriferi fauces temptantur Abydi.  
 Libra dies somnique pares ubi fecerit horas  
 et medium luci atque umbris iam diuidit orbem,  
 210 exercete, uiri, tauros, serite hordea campis  
 usque sub extremum brumae intractabilis imbrem.  
 Nec non et lini segetem et Cereale papauer  
 tempus humo tegere et iamdudum incumbere aratris,  
 dum sicca tellure licet, dum nubila pendent.  
 215 Vere fabis satio; tum te quoque, medica, putres  
 accipiunt sulci, et milio uenit annua cura,  
 candidus auratis aperit cum cornibus annum  
 Taurus et auerso cedens Canis occidit astro.  
 At si triticeam in messem robustaque farra  
 220 exercebis humum solisque instabis aristis,  
 ante tibi Eoae Atlantides abscondantur  
 Gnosiaque ardentis decedat stella Coronae,  
 debita quam sulcis committas semina quamque  
 inuitae properes anni spem credere terrae.  
 225 Multi ante occasum Maiiae coepere; sed illos  
 exspectata seges uanis elusit auenis.

Decerto vi muitos semeadores remediarem as sementes e borrifarem primeiro com nitrato e negra *amurca*<sup>44</sup> para que o fruto das vagens enganadoras fosse maior e o cozinhassem logo, mesmo em fogo lento. Vi sementes selecionadas longamente e inspecionadas com muito trabalho degenerar-se, se o homem não escolhesse todo ano cada uma das maiores com suas mãos. Assim, tudo por fatalidade se encaminha para pior e, esvaindo-se, retorna para trás, como quem, contra a corrente, a custo conduz seu barco com remos, mas por acaso relaxou os braços, e o leito o arrasta em declive ao precipício.

Além disso, tanto devemos observar as estrelas de Arcturo,<sup>45</sup> os dias dos Cabritos<sup>46</sup> e a Hidra<sup>47</sup> brilhante quanto aqueles que tenteiam o Ponto e os canais de Abidos<sup>48</sup> rica em ostras, levados para a pátria por mares encapelados.

Quando Libra<sup>49</sup> fizer iguais os dias e as horas de sono e já repartir o mundo pelo meio entre a luz e as sombras, exercitai, homens, os touros, plantai cevada nos campos até o último aguaceiro do solstício invernal; ainda é tempo de cobrir com terra um campo de linho e a papoula de Ceres e logo inclinar-se aos arados enquanto o solo seco o permite, enquanto as nuvens hesitam.

Na primavera, o plantio das favas; então também, ó erva da Média,<sup>50</sup> os sulcos quebradiços te acolhem. Mas chega a época de dar a anual atenção ao milhete quando o Touro branco<sup>51</sup> abre o ano com chifres dourados e o Cão<sup>52</sup> vai embora cedendo a um astro contrário.

Mas, se cultivares o solo para a messe do trigo e a espelta resistente e visares sem cessar apenas às espigas, que as Atlântides<sup>53</sup> do Oriente se escondam de ti e a estrela de Gnosos,<sup>54</sup> da coroa ardente, afaste-se antes de entregares as sementes devidas aos sulcos e te apressares em confiar a esperança do ano à terra indisposta. Muitos começaram antes do ocaso de Maia;<sup>55</sup> mas a messe esperada os decepcionou com aveias inúteis.

Si uero uiciamque seres uilemque phaselum  
 nec Pelusiaca curam aspernabere lentis,  
 haud obscura cadens mittet tibi signa Bootes;  
 230 incipe et ad medias sementem extende pruinas.  
 Idcirco certis dimensum partibus orbem  
 per duodena regit mundi sol aureus astra.  
 Quinque tenent caelum zonae: quarum una corusco  
 semper sole rubens et torrida semper ab igni;  
 235 quam circum extremae dextra laeuaque trahuntur  
 caeruleae glacie concretae atque imbribus atris;  
 has inter mediamque duae mortalibus aegris  
 munere concessae diuom, et uia secta per ambas,  
 obliquos qua se signorum uerteret ordo.  
 240 Mundus, ut ad Scythiam Rhiphaeasque arduus arcis  
 consurgit, premitur Libyae deuexus in Austros.  
 Hic uertex nobis semper sublimis; at illum  
 sub pedibus Styx atra uidet Manesque profundi.  
 Maximus hic flexu sinuoso elabitur Anguis  
 245 circum perque duas in morem fluminis Arctos,  
 Arctos Oceani metuentis aequore tingi.  
 Illic, ut perhibent, aut intempesta silet nox  
 semper et obtenta densentur nocte tenebrae,  
 aut redit a nobis Aurora diemque reducit;  
 250 nosque ubi primus equis Oriens adflauit anhelis,  
 illic sera rubens accendit lumina Vesper.  
 Hinc tempestates dubio praediscere caelo  
 possumus, hinc messisque diem tempusque serendi,  
 et quando infidum remis impellere marmor  
 255 conueniat, quando armatas deducere classis  
 aut tempestiuam siluis euertere pinum.  
 Nec frustra signorum obitus speculamur et ortus  
 temporibusque parem diuersis quattuor annum.

Se de fato plantares a ervilhaca e o feijão comum, nem desprezares o cuidado da lentilha pelusiana,<sup>56</sup> Bootes<sup>57</sup> vai dar-te claros sinais ao partir; começa e, até o meio das geadas, prolonga a sementeira.

Por isso o sol dourado, através dos doze signos do Zodíaco, rege o mundo dividido em partes certas. Cinco regiões dominam o céu: uma delas, sempre ardente pelo sol claro e sempre tórrida pelo calor; em torno dessa, estendem-se as partes extremas do céu à direita e à esquerda, duras de gelo e com negras tempestades; entre elas, no meio, as duas concedidas aos tristes mortais por dom dos deuses e o caminho cortado através de ambas, por onde pudesse mover-se obliquamente o cortejo das constelações. O céu, assim como se ergue altivo para a Cítia<sup>58</sup> e os Baluartes Rifeus,<sup>59</sup> rebaixa-se tombando para os Austros da Líbia.<sup>60</sup> Um polo sempre está acima de nós; mas o negro Estige e os Manes profundos<sup>61</sup> veem aquele sob nossos pés.<sup>62</sup> Aqui, com um movimento sinuoso, a Hidra enorme desliza em roda e pelas duas Ursas<sup>63</sup> como um rio, Ursas que receiam serem banhadas pela planície do Oceano. Lá,<sup>64</sup> como dizem, sempre se aquieta a calada da noite e as trevas são adensadas pela noite difusa; ou a Aurora retorna de nós levando o dia e, logo que o Oriente<sup>65</sup> nos bafejou com cavalos ofegantes, Vesper<sup>66</sup> abrasada acende ali suas luzes tardias. Por isso podemos conhecer antecipadamente, no céu incerto, as estações, por isso o dia da colheita, o tempo de semear e quando convém mover o mármore traiçoeiro com remos, quando lançar ao mar as esquadras equipadas, ou derrubar nas matas o pinho maduro. Não é em vão que observamos a morte e o nascimento das constelações e o ano bem proporcionado pelas quatro estações distintas.

260 Frigidus agricolam si quando continet imber,  
 multa, forent quae mox caelo properanda sereno,  
 maturare datur: durum procudit arator  
 uomeris obtunsi dentem, cauat arbore lintris;  
 aut pecori signum aut numeros impressit aceruis.  
 Exacuont alii uallos furcasque bicornis  
 265 atque Amerina parant lentae retinacula uiti.  
 Nunc facilis rubea texatur fiscina uirga;  
 nunc torrete igni fruges, nunc frangite saxo.  
 Quippe etiam festis quaedam exercere diebus  
 fas et iura sinunt: riuos deducere nulla  
 270 religio uetuit, segeti praetendere saepem,  
 insidias auibus moliri, incendere uepres  
 balantumque gregem fluuio mersare salubri.  
 Saepe oleo tardi costas agitator aselli  
 uilibus aut onerat pomis, lapidemque reuertens  
 275 incusum aut atrae massam picis urbe reportat.  
 Ipsa dies alios alio dedit ordine Luna  
 felicis operum. Quintam fuge: pallidus Orcus  
 Eumenidesque satae; tum partu Terra nefando  
 Coeumque Iapetumque creat saeuomque Typhoea  
 280 et coniuratos caelum rescindere fratres.  
 Ter sunt conati imponere Pelio Ossam  
 scilicet, atque Ossae frondosum inuoluere Olympum;  
 ter Pater exstructos disiecit fulmine montis.  
 Septima post decimam felix et ponere uitem  
 285 et prensos domitare boues et licia telae  
 addere; nona fugae melior, contraria furtis.  
 Multa adeo gelida melius se nocte dedere,  
 aut cum sole nouo terras inrorat Eous.  
 Nocte leues melius stipulae, nocte arida prata  
 290 tondentur; noctes lentus non deficit umor.  
 Et quidam seros hiberni ad luminis ignis  
 peruigilat ferroque faces inspicat acuto.

Se em alguma ocasião a chuva fria detém o agricultor, muitas coisas, que logo haverão de ser apressadas com o tempo sereno, concede-se acabar: o que ara forja o dente duro do arado cego e escava canoas na árvore, ou marcou o gado ou numerou as pilhas de grãos. Outros aguçam estacas e forcados bicornes e preparam cordas amerinas<sup>67</sup> para a vinha flexível. Ora a cesta flexível seja tecida com varas de tojo, ora torrai os cereais ao fogo, ora moei na pedra. E, decerto, mesmo nos feriados a lei sagrada e a profana permitem fazer certas coisas: nenhum escrúpulo religioso vetou abrir canais, proteger a seara com uma sebe, preparar armadilhas para as aves, queimar espinheiros e mergulhar o rebanho de ovelhas num rio propício. Com frequência, o condutor onera com azeite ou com frutos comuns o costado do burrinho lento, e, tornando da cidade, traz a mó picotada ou a massa do negro piche.

A própria lua dispôs alternadamente os dias propícios na série de trabalhos. Foge do quinto dia: é o nascimento do Orco pálido<sup>68</sup> e das Eumênides;<sup>69</sup> então, num parto horrendo, a Terra cria Céu, Jápeto e Tifeu cruel,<sup>70</sup> e os irmãos conjurados violaram o céu. Três vezes tentaram pôr o Ossa<sup>71</sup> sobre o Pélion,<sup>72</sup> naturalmente, e arrastar o Olimpo<sup>73</sup> frondoso sobre o Ossa; três vezes o Pai deitou abaixo com o raio os montes empilhados. O sétimo depois do décimo é favorável a plantar a videira, domar os bois retidos e juntar fios à trama. O nono é melhor para a fuga, e contrário aos furtos.

Muitas coisas se deram com mais sucesso precisamente numa noite gélida, ou quando a Estrela da manhã orvalha as terras ao sol nascente. De noite as hastes ligeiras, de noite os prados secos são mais bem segados: a umidade aderente não falta às noites. E alguém fica em vigília à noite perto de um fogo de luz invernal e aguçá fochos com ferro agudo.

Interea longum cantu solata laborem  
 arguto coniunx percurrit pectine telas  
 295 aut dulcis musti Volcano decoquit umorem  
 et foliis undam trepidi despumat aheni.  
 At rubicunda Ceres medio succiditur aestu  
 et medio tostas aestu terit area fruges.  
 300 Nudus ara, sere nudus: hiems ignaua colono:  
 Frigoribus parto agricolae plerumque fruuntur  
 mutuaque inter se laeti conuiuia curant.  
 Inuitat genialis hiems curasque resoluit,  
 ceu pressae cum iam portum tetigere carinae,  
 puppibus et laeti nautae imposuere coronas.  
 305 Sed tamen et quernas glandes tum stringere tempus  
 et lauri bacas oleamque cruentaque myrta;  
 tum gruibus pedicas et retia ponere ceruis  
 auritosque sequi lepores, tum figere dammas  
 stuppea torquentem Balearis uerbera fundae,  
 310 cum nix alta iacet, glaciem cum flumina trudent.  
 Quid tempestates autumni et sidera dicam  
 atque, ubi iam breuiorque dies et mollior aetas,  
 quae uigilanda uiris, uel cum ruit imbriferum uer,  
 spicea iam campis cum messis inhorruit et cum  
 315 frumenta in uiridi stipula lactentia turgent?  
 Saepe ego, cum flauis messorum induceret aruis  
 agricola et fragili iam stringeret hordea culmo,  
 omnia uentorum concurrere proelia uidi,  
 quae grauidam late segetem ab radicibus imis  
 320 sublimem expulsam eruerent, ita turbine nigro  
 ferret hiems culmumque leuem stipulasque uolantis.  
 Saepe etiam immensum caelo uenit agmen aquarum  
 et foedam glomerant tempestatem imbribus atris  
 collectae ex alto nubes; ruit arduos aether  
 325 et pluuia ingenti sata laeta boumque labores  
 diluit; implentur fossae et caua flumina crescunt  
 cum sonitu feruetque fretis spirantibus aequor.

Enquanto isso, a esposa, que consolou um trabalho longo cantando, percorre as telas com o pente ruidoso, ou ferve ao fogo o sumo do mosto doce e retira com folhas a espuma do líquido que está no tacho inquieto.

Mas Ceres loura é segada em pleno calor e em pleno calor a eira debulha os cereais recozidos. Ara nu, planta nu; o inverno é improdutivo para os colonos: no frio, quase sempre os agricultores aproveitam a produção e, alegres, tratam de festas mútuas entre si. O inverno festivo convida e desfaz os cuidados, como quando as naus carregadas já tocaram o porto, e os marinheiros alegres puseram coroas sobre as popas. Contudo, então também é tempo de colher as glandes do carvalho, as bagas do louro, a azeitona e os murtinhos sangrentos; então, de preparar armadilhas para os groues e redes para os cervos, perseguir lebres orelhudas, e de ferir as corças girando as correias de estopa da funda balear<sup>74</sup> quando se deposita muita neve, quando os rios arrastam o gelo.

Por que falaria das tempestades e das constelações de outono e dos cuidados que os homens devem ter quando o dia já é mais breve e o verão mais brando, ou quando a primavera chuvosa desaba, quando a seara do trigo já se eriçou nos campos e quando os grãos leitosos se incham na haste verde? Com frequência eu vi, levando o agricultor quem colheria aos campos dourados e cortando ele já a cevada da haste frágil, tanto avançarem todas as batalhas dos ventos que arruinavam largamente a plantação farta, expulsa para os ares desde as mais fundas raízes: assim a borrasca levava em negro turbilhão a haste ligeira e as palhas a voarem. Com frequência, também vem a imensa massa das águas do céu, e as nuvens reunidas do alto formam uma horrível tempestade com chuvas escuras; desaba o alto éter e desfaz com uma chuva enorme os campos alegres e os trabalhos dos bois; enchem-se as fossas, os rios profundos transbordam com ruído e ferve o mar com braços que respiram.



Ipse Pater media nimborum in nocte corusca  
 fulmina molitur dextra, quo maxima motu  
 330 terra tremit, fugere ferae, et mortalia corda  
 per gentis humilis strauit pavor; ille flagranti  
 aut Atho aut Rhodopen aut alta Ceraunia telo  
 deicit; ingeminant Austri et densissimus imber;  
 nunc nemora ingenti uento, nunc litora plangunt.  
 335 Hoc metuens caeli mensis et sidera serua:  
 frigida Saturni sese quo stella receptet,  
 quos ignis caelo Cyllenius erret in orbis.  
 In primis uenerare deos, atque annua magnae  
 sacra refer Cereri laetis operatus in herbis,  
 340 extremae sub casum hiemis, iam uere sereno.  
 Tum pingues agni et tum mollissima uina;  
 tum somni dulces densaeque in montibus umbrae.  
 Cuncta tibi Cererem pubes agrestis adoret;  
 quoi tu lacte fauos et miti dilue Baccho;  
 345 terque nouas circum felix eat hostia fruges,  
 omnis quam chorus et socii comitentur ouantes  
 et Cererem clamore uocent in tecta; neque ante  
 falcem maturis quisquam supponat aristis,  
 quam Cereri torta redimitus tempora quercu  
 350 det motus incompressos et carmina dicat.  
 Atque haec ut certis possemus discere signis,  
 aestusque pluuiasque et agentis frigora uentos,  
 ipse Pater statuit quid menstrua Luna moneret,  
 quo signo caderent Austri, quid saepe uidentes  
 355 agricolae propius stabulis armenta tenerent.  
 Continuo uentis surgentibus aut freta ponti  
 incipiunt agitata tumescere et aridus altis  
 montibus audiri fragor aut resonantia longe  
 litora misceri et nemorum increbrescere murmur.  
 360 Iam sibi tum curuis male temperat unda carinis,  
 cum medio celeres reuolant ex aequore mergi  
 clamoremque ferunt ad litora, cumque marinae  
 in sicco ludunt fulicae notasque paludes  
 deserit atque altam supra uolat ardea nubem.

O próprio Pai,<sup>75</sup> no meio da noite, lança das nuvens raios brilhantes com a mão direita, e com esse movimento a terra toda treme, as feras fugiram e o pânico abateu os corações mortais entre os fracos; ele, com um dardo ardente, deita abaixo o Atos, o Ródope ou os altos Ceráunios;<sup>76</sup> redobram os Austros e a chuva densíssima; ora os bosques, ora os litorais murmuram com um vento enorme.

Temendo isso, observa os meses e os astros do céu, para onde a fria estrela de Saturno se recolhe e para que círculos no céu erra o fogo Cilênio.<sup>77</sup>

Antes de mais nada, cultua os deuses e restitui os cultos anuais à grande Ceres tendo sacrificado na relva alegre, no finalzinho do inverno, já na primavera serena. Então, os cordeiros são gordos e os vinhos mais suaves; então, os sons agradáveis e as sombras densas nos montes. Que todos os jovens do campo cultuem Ceres para ti: dilui para ela favos no leite e no vinho suave. Que uma vítima feliz circunde as plantações novas três vezes, todo o coro e os amigos acompanhem-na dando gritos de alegria e chamem Ceres com um clamor para tua casa; e que ninguém aproxime a foice das espigas maduras antes de, cingido nas têmporas com o carvalho torcido, dançar rústicamente e suplicar a Ceres.

E, para que possamos conhecer com indícios certos o calor, as chuvas e os ventos que causam o frio, o próprio Pai<sup>78</sup> estabeleceu o que o curso mensal da lua informa, sob qual signo vêm os Austros, o que, visto com frequência pelos agricultores, fá-los manter os rebanhos mais perto dos estábulos.

Continuamente, erguendo-se os ventos, começam os braços de mar a inchar-se agitados e um ruído seco a ser ouvido nos altos montes, ou os litorais a perturbar-se, ressoando ao longe, e o murmúrio dos bosques a aumentar. Já a onda se arroja contra as quilhas curvas quando, do meio do mar, os mergulhões tornam voando rápido e levam o clamor à costa, as gaivotas marinhas brincam no seco, e a garça deixa os pântanos conhecidos e voa sobre altas nuvens.

365 Saepe etiam stellas uento impendente uidebis  
 praecipites caelo labi, noctisque per umbram  
 flammaram longos a tergo albescere tractus;  
 saepe leuem paleam et frondis uolitare caducas  
 aut summa nantis in aqua concludere plumas.

370 At Boreae de parte trucis cum fulminat et cum  
 Eurique Zephyrique tonat domus, omnia plenis  
 rura natant fossis, atque omnis nauita ponto  
 umida uela legit. Numquam imprudentibus imber  
 obfuit: aut illum surgentem uallibus imis

375 aerae fugere grues, aut bucula caelum  
 suspiciens patulis captauit naribus auras,  
 aut arguta lacus circumuolitauit hirundo  
 et ueterem in limo ranae cecinere querelam.  
 Saepius et tectis penetralibus extulit oua  
 angustum formica terens iter, et bibit ingens

380 arcus, et e pastu decedens agmine magno  
 coruorum increpuit densis exercitus alis.  
 Iam uariae pelagi uolucres et quae Asia circum  
 dulcibus in stagnis rimantur prata Caystri,  
 certatim largos umeris infundere rores,

385 nunc caput obiectare fretis, nunc currere in undas  
 et studio incassum uideas gestire lauandi.  
 Tum cornix plena pluuiam uocat improba uoce  
 et sola in sicca secum spatiat harena.

390 Ne nocturna quidem carpentes pensa puellae  
 nesciure hiemem, testa cum ardente uiderent  
 scintillare oleum et putris concrecere fungos.  
 Nec minus ex imbri soles et aperta serena  
 prospicere et certis poteris cognoscere signis:

395 nam neque tum stellis acies obtunsa uidetur,  
 nec fratris radiis obnoxia surgere Luna,  
 tenuia nec lanae per caelum uellera ferri;  
 non tepidum ad solem pennas in litore pandunt  
 dilectae Thetidi alcyones, non ore solutos

400 immundi meminere sues iactare maniplos.

Com frequência, na aproximação do vento, também verá estrelas caírem precipitadas do céu e, pela sombra da noite, longos cursos de fogo branquejarem por trás; com frequência, verá esvoaçarem a palha leve e as folhas que caem ou verá plumas nadantes a brincar na superfície d'água.

Mas, quando relampeja do lado de Bóreas feroz e quando troveja a casa de Euro<sup>79</sup> e Zéfiro, todos os campos transbordam com fossas cheias e todo marinheiro recolhe no mar as velas úmidas. Nunca as chuvas lesaram homens desavisados: os grou aéreos fugiram delas, que surgiam, no fundo dos vales, a novilha, contemplando o céu, inalou os ares com largas narinas, ou a andorinha ruidosa sobrevoou os lagos em círculos e, no limo, as rãs cantarolaram a velha disputa; com frequência, também a formiga tirou os ovos do fundo de sua morada trilhando um caminho estreito, o arco-íris se impregnou e, retirando-se do pasto em grande número, o exército dos corvos increpou com densas asas. Já as aves variadas do mar e as que, por todos os lados, exploram os prados asiáticos do Caístro<sup>80</sup> em tanques doces derramam à porfia água abundante sobre os ombros; ora as verias expor a cabeça ao mar, ora correr às ondas e agitar-se em vão com desejo de limpar-se. Então, a gralha ímproba chama a chuva em voz alta e passeia ela apenas na areia seca. Sequer as moças que fiam de noite a lã ignoraram o tempo ruim, vendo, ao arder a lâmpada, o azeite brilhar e crescerem moles cogumelos nos morrões.<sup>81</sup>

Em época chuvosa, não menos poderás prever e saber por indícios certos dos sóis e do tempo aberto e livre de nuvens: de fato, nessa época, nem o brilho das estrelas parece embaçar-se, nem a lua nascente depender dos raios do irmão, nem velos de lã delicados serem arrastados pelo céu. As alcíones amadas por Tétis<sup>82</sup> não estendem as penas ao sol tépido na praia, os porcos imundos não se lembram de lançar punhados caídos da boca.

At nebulae magis ima petunt campoque recumbunt,  
 solis et occasum seruans de culmine summo  
 nequiquam seros exercet noctua cantus.  
 Apparet liquido sublimis in aere Nisus,  
 405 et pro purpureo poenas dat Scylla capillo;  
 quacumque illa leuem fugiens secat aethera pinnis,  
 ecce inimicus atrox magno stridore per auras  
 insequitur Nisus; qua se fert Nisus ad auras,  
 illa leuem fugiens raptim secat aethera pinnis.  
 410 Tum liquidas corui presso ter gutture uoces  
 aut quater ingeminant et saepe cubilibus altis  
 nescio qua praeter solitum dulcedine laeti  
 inter se in foliis strepitant; iuuat imbribus actis  
 progeniem paruam dulcisque reuisere nidos.  
 415 Haud equidem credo, quia sit diuinitus illis  
 ingenium aut rerum fato prudentia maior;  
 uerum ubi tempestas et caeli mobilis umor  
 mutauere uias, et Iuppiter uuidus Austris  
 420 denset, erant quae rara modo, et, quae densa, relaxat,  
 uertuntur species animorum, et pectora motus  
 nunc alios, alios dum nubila uentus agebat,  
 concipiunt; hinc ille auium concentus in agris  
 et laetae pecudes et ouantes gutture corui.  
 Si uero solem ad rapidum lunasque sequentis  
 425 ordine respicies, numquam te crastina fallit  
 hora, neque insidiis noctis capiere serenae.  
 Luna reuertentis cum primum colligit ignis,  
 si nigrum obscuro comprehenderit aera cornu,  
 maximus agricolis pelagoque parabitur imber;  
 430 at si uirgineum suffuderit ore ruborem,  
 uentus erit; uento semper rubet aurea Phoebe.  
 Sin ortu quarto (namque is certissimus auctor)  
 pura neque obtusis per caelum cornibus ibit,  
 totus et ille dies et qui nascentur ab illo  
 435 exactum ad mensem pluuiam uentisque carebunt,  
 uotaque seruati soluent in litore nautae  
 Glauco et Panopeae et Inoo Melicertae.

Mas a névoa busca os lugares mais baixos e abate-se no campo; e, observando o pôr-do-sol do topo de um cume, em vão a coruja pratica seu canto tardio. Niso<sup>83</sup> surge elevado no ar puro, e Cila é punida por causa do cabelo purpúreo: por onde quer que ela, fugindo, corte o éter ligeiro com as penas, eis que Niso, inimigo cruel, persegue-a com grande alarido pela brisa; por onde Niso se move na brisa, ela corta depressa o éter ligeiro fugindo com as penas. Então, os corvos três ou quatro vezes redobram as vozes claras forçando a garganta e frequentemente, nas altas moradas, não sei com que prazer além do normal, chilreiam alegres entre si nas folhas; é bom, acabando a chuva, tornar a visitar os filhos pequenos e os doces ninhos! De fato não penso que isso aconteça porque têm divinamente uma inteligência ou um maior conhecimento das coisas por dom do destino. Na verdade, quando o tempo e a umidade móvel do céu mudaram seu curso, e Júpiter, molhado pelos Austros, adensa o que há pouco era rarefeito e relaxa o que era denso, troca-se a disposição dos ânimos, e os peitos agora têm um sentimento distinto do que tinham enquanto o vento impelia as nuvens; por isso aquele concerto das aves nos campos, o rebanho alegre e os corvos ressoando com a garganta.

Se de fato olhares para o sol impetuoso e as luas que se seguem ordenadas, o dia de amanhã nunca te enganará, nem serás surpreendido pela emboscada da noite serena. Logo que a lua assume as luzes reiteradas, se abranger o negrume com um chifre obscuro, a maior chuva terão os agricultores e o mar; mas, se espalhar um rubor virginal pela face, haverá vento: Febe<sup>84</sup> dourada sempre se enrubesce com o vento. E, ao nascer pela quarta vez (pois se trata de um fidelíssimo presságio!), se for pura pelo céu e sem embotar os chifres, todo esse dia e os que se seguirem a ele estarão livres de chuva e vento até o final do mês, e os marinheiros salvos pagarão na praia as promessas a Glauco,<sup>85</sup> Panopeia<sup>86</sup> e Melicerta de Ino.<sup>87</sup>

Sol quoque et exoriens et cum se condet in undas  
 signa dabit; solem certissima signa sequontur,  
 440 et quae mane refert et quae surgentibus astris.  
 Ille ubi nascentem maculis variauerit ortum  
 conditus in nubem medioque refugerit orbe,  
 suspecti tibi sint imbres; namque urget ab alto  
 arboribusque satisque Notus pecorique sinister.  
 445 Aut ubi sub lucem densa inter nubila sese  
 diuersi rumpent radii, aut ubi pallida surget  
 Tithoni croceum linquens Aurora cubile,  
 heu! male tum mitis defendet pampinus uuas:  
 tam multa in tectis crepitans salit horrida grando!  
 450 Hoc etiam, emenso cum iam decedit Olympo,  
 profuerit meminisse magis: nam saepe uidemus  
 ipsius in uoltu uarios errare colores:  
 caeruleus pluuiam denuntiat, igneus Euros.  
 Sin maculae incipient rutilo immiscerier igni,  
 455 omnia tum pariter uento nimisque uidebis  
 feruere. Non illa quisquam me nocte per altum  
 ire neque a terra moueat conuellere funem.  
 At si, cum referetque diem condetque relatum,  
 lucidus orbis erit, frustra terreberet nimbis  
 460 et claro siluas cernes Aquilone moueri.  
 Denique, quid Vesper serus uehat, unde serenas  
 uentus agat nubes, quid cogitet umidus Auster,  
 sol tibi signa dabit. Solem quis dicere falsum  
 audeat? Ille etiam caecos instare tumultus  
 465 saepe monet fraudemque et operta tumescere bella.  
 Ille etiam extincto miseratus Caesare Romam,  
 cum caput obscura nitidum ferrugine texit  
 impiaque aeternam timuerunt saecula noctem.  
 470 Tempore quamquam illo tellus quoque et aequora ponti  
 obscenaque canes importunaeque uolucres signa dabant.

Também o sol dará sinais ao nascer e quando se oculta nas ondas; sinais certíssimos acompanham o sol, seja os que apresenta de manhã, seja os que ao surgirem as estrelas. Quando ele pintar-se com manchas logo ao nascer e, escondido numa nuvem, dissimular o centro de seu disco, infere que vai chover: assim, o Noto<sup>88</sup> funesto para as árvores, as plantações e o rebanho ameaça do alto. Quando, no amanhecer, os raios se fendem divergentes entre nuvens densas, ou quando a Aurora surge pálida abandonando o leito cróceo de Titono,<sup>89</sup> ai! a custo então o pâmpano defenderá as uvas tenras: tanto granizo salta horrível estalando nos telhados!

Também isto, quando, percorrido o Olimpo, já se põe, convirá lembrar antes de mais nada: com frequência, vemos cores variadas errarem na própria face dele;<sup>90</sup> o azul-escuro indica chuva, o afogueado, os Euros. Mas, se manchas começarem a misturar-se ao fogo ardente, verás tudo agitar-se igualmente com vento e nuvens: ninguém me levaria a navegar em alto-mar nem a desprender o cabo da terra numa noite assim! Mas, quando reconduzir o dia e ocultar o que trouxe, se o círculo estiver claro, em vão te atemorizarás com as nuvens e observarás as matas serem movidas pelo Aquilão límpido.<sup>91</sup>

Por fim, o sol indicará a ti o que Vesper tardia traz, donde o vento empurra as nuvens serenas e o que o úmido Austro concebe. Quem ousaria dizer que o sol mente? Ele também alerta com frequência de que insurreições secretas se avizinham, e de que fermentam a fraude e guerras ocultas; ele também se apiedou de Roma com a morte de César,<sup>92</sup> quando cobriu a cabeça brilhante com uma ferrugem escura e as gerações ímpias temeram a noite eterna, embora naquele tempo a terra, as planícies do mar, as cadelas agourentas e as aves funestas também dessem sinais.

Quotiens Cyclopum efferuere in agros  
 uidimus undantem ruptis fornacibus Aetnam  
 flammaramque globos liquefactaque uoluer saxa!  
 475 Armorum sonitum toto Germania caelo  
 audiit; insolitis tremuerunt motibus Alpes.  
 Vox quoque per lucos uolgo exaudita silentis  
 ingens, et simulacra modis pallentia miris  
 uisa sub obscurum noctis, pecudesque locutae  
 480 (infandum!); sistunt amnes terraeque dehiscunt  
 et maestum illacrimat templis ebur aeraque sudant.  
 Proluit insano contorquens uertice siluas  
 fluuiorum rex Eridanus camposque per omnis  
 cum stabulis armenta tulit. Nec tempore eodem  
 485 tristibus aut extis fibrae apparere minaces  
 aut puteis manare cruor cessauit, et altae  
 per noctem resonare lupis ululantibus urbes.  
 Non alias caelo ceciderunt plura sereno  
 fulgura nec diri totiens arsere cometae.  
 Ergo inter sese paribus concurrere telis  
 490 Romanas acies iterum uidere Philippi;  
 nec fuit indignum superis bis sanguine nostro  
 Emathiam et latos Haemi pinguescere campos.  
 Scilicet et tempus ueniet, cum finibus illis  
 495 agricola, incuruo terram molitus aratro,  
 exesa inueniet scabra robigine pila  
 aut grauibus rastris galeas pulsabit inanis  
 grandiaque effossis mirabitur ossa sepulcris.  
 Di patrii, Indigetes et Romule Vestaque mater,  
 quae Tuscum Tiberim et Romana Palatia seruas,  
 500 hunc saltem euerso iuuenem succurrere saeclo  
 ne prohibete! Satis iam pridem sanguine nostro  
 Laomedontae luimus periuria Troiae.  
 Iam pridem nobis caeli te regia, Caesar,  
 inuidet atque hominum queritur curare triumphos,

Quantas vezes, rompidas as fornalhas, vimos o Etna ferver agitado aos campos dos Ciclopes,<sup>93</sup> e atirar globos de fogo e pedras liquefeitas! A Germânia ouviu em todo o céu o som das armas e os Alpes tremeram com movimentos insólitos. Uma voz alta também foi ouvida pelo povo nos bosques silenciosos, espectros pálidos de admiráveis feições foram vistos na penumbra da noite e (terrível!) o gado falou; os rios param e as terras se abrem, o marfim chora triste e os bronzes suam nos templos. O Erídano,<sup>94</sup> rei dos rios, banhou as matas contorcendo-se num vórtice insano, e levou por todos os campos os rebanhos com os estábulos. Nem, na mesma época, cessou de se mostrar a fibra ameaçadora nas entranhas tristes ou o sangue de manar dos poços, e as altas cidades ecoaram à noite com o ulular dos lobos. Nunca caíram do céu sereno mais raios, nem cometas agourentos se inflamaram tantas vezes. Assim, Filipo<sup>95</sup> viu novamente os exércitos romanos enfrentarem-se com dardos iguais, nem foi indigno dos deuses umedecer duas vezes com nosso sangue a Emátia<sup>96</sup> e os largos campos do Hemo.<sup>97</sup> Naturalmente, também virá um tempo em que o agricultor, tendo lavrado a terra naquela região com o curvo arado, encontrará dardos roídos pela ferrugem rugosa ou baterá com pesados ancinhos em elmos vazios, e admirar-se-á dos grandes ossos depois de abertos os sepulcros.

Deuses pátrios e Indígetes,<sup>98</sup> Rômulo e mãe Vesta,<sup>99</sup> que guardas o Tibre etrusco e o Palatino<sup>100</sup> de Roma, não impeçais ao menos que este jovem<sup>101</sup> venha em socorro de um século virado do avesso! Já há muito pagamos bastante com nosso sangue os perjúrios da Troia de Laomedonte.<sup>102</sup> Já há muito, ó César, a corte celeste te inveja a nós e se queixa de que te ocupas dos triunfos dos homens.

505        quippe ubi fas uersum atque nefas: tot bella per orbem,  
               tam multae scelerum facies, non ullus aratro  
               dignus honos; squalent abductis arua colonis  
               et curuae rigidum falces conflantur in ensem.  
               Hinc mouet Euphrates, illinc Germania bellum;  
 510        uicinae ruptis inter se legibus urbes  
               arma ferunt; saeuit toto Mars impius orbe:  
               ut, cum carceribus sese effudere quadrigae,  
               addunt in spatia et frustra retinacula tendens  
               fertur equis auriga neque audit currus habenas.

Agora, decerto, o lícito e o ilícito mudaram de lugar: tantas guerras pelo mundo, tantas as faces dos crimes, nenhuma honra digna do arado: os campos se eriçam, tomados os colonos, e as foices curvas são fundidas em espada dura. Aqui o Eufrates, ali a Germânia move guerras; cidades vizinhas, rompidos os pactos, guerreiam entre si; Marte ímpio comete violência no mundo inteiro, como tomaram impulso as quadrigas quando se precipitaram dos cárceres, e, em vão puxando as rédeas, o cocheiro é levado pelos cavalos, mas o carro não atenta aos freios.

## Notas à tradução

- <sup>1</sup> *Mecenas*: homem forte de Augusto e protetor de poetas como Horácio e Virgílio.
- <sup>2</sup> *Liber*: outro nome do deus Baco.
- <sup>3</sup> *Ceres*: deusa romana que presidia à germinação das sementes.
- <sup>4</sup> *Glande caônia*: fruto dos carvalhos que nasciam na homônima região do Epiro, onde Júpiter possuía famoso oráculo em Dodona.
- <sup>5</sup> *Aqueolo*: rio da Grécia central, que diziam o mais antigo de todos; lembramos que os antigos, em geral, apenas bebiam o vinho depois de misturado com água.
- <sup>6</sup> *Faunos*: divindades pastoris itálicas análogas aos sátiros gregos.
- <sup>7</sup> *Dríades*: ninfas dos bosques na mitologia grega.
- <sup>8</sup> *Morador dos bosques*: referência mítica a Aristeu, o filho apicultor da ninfa Cirene.
- <sup>9</sup> *Cea*: ilha grega.
- <sup>10</sup> *Clareiras liceias*: do monte arcádico chamado Liceu, que se consagrara a Pã.
- <sup>11</sup> *Tegeu*: o deus pastoril grego Pã é chamado "Tegeu" por Virgílio em rememoração de seu culto na Arcádia, onde se localizava a povoação de Tegeia.
- <sup>12</sup> *Mênalo*: monte da Arcádia consagrado a Pã.
- <sup>13</sup> *Menino inventor do arado curvo*: Triptólemo, lendário príncipe eleusino a quem se atribuía a descoberta da agricultura.
- <sup>14</sup> *Silvano*: divindade rústica dos latinos, "aparentada" aos faunos. O cipreste que carregava consigo era uma rememoração da metamorfose do adolescente Ciparisso, a quem amara, nesta árvore.
- <sup>15</sup> *César*: referência ao imperador Augusto.
- <sup>16</sup> *Mirto materno*: o arbusto mediterrâneo do mirto, consagrado a Vênus, é aqui associado à nascente casa imperial latina por enraizar-se ela, "genealogicamente", na deusa citada através de Júlio César.
- <sup>17</sup> *Tule*: país lendário do extremo norte do mundo.
- <sup>18</sup> *Tétis*: deusa marítima e mãe das três mil ninfas chamadas Oceânides.
- <sup>19</sup> *Erígona*: a constelação de Virgem.
- <sup>20</sup> *Tártaros*: outro nome do mundo infernal.
- <sup>21</sup> *Campos Elíseos*: parte amena dos Infernos, onde eram recompensados postumamente os bons em vida.

- <sup>22</sup> *Perséfone saudosa*: a filha de Ceres, que fora raptada por Plutão para o mundo infernal enquanto colhia flores no campo. Ele a fez sua esposa e soberana comum do reino dos mortos.
- <sup>23</sup> *Zéfiro*: vento primaveril.
- <sup>24</sup> *Tmolo*: serra da antiga região da Lídia.
- <sup>25</sup> *Sabeus afeminados*: atribuía-se aos habitantes da Arábia, em que se encontrava Saba, o caráter da autoindulgência.
- <sup>26</sup> *Cálibes*: certo povo "metalurgista" das margens do Ponto Euxino (Mar Negro).
- <sup>27</sup> *Castóreos*: substância medicinal retirada dos genitais dos castores machos.
- <sup>28</sup> *Éguas elíades*: de Élide, na Grécia, onde se realizavam os célebres jogos na cidade de Olímpia.
- <sup>29</sup> *Deucalião*: único justo salvo do dilúvio com sua esposa Pirra, deu origem à raça humana posterior atirando pedras para trás de seus ombros.
- <sup>30</sup> *Arcturo*: estrela da constelação do Boieiro/Bootes, ou essa mesma constelação.
- <sup>31</sup> *Sono leteu*: associação entre as propriedades soporíferas da papoula e o rio infernal do Letes, donde bebiam as almas dos mortos para esquecer-se antes de adentrarem sua nova morada.
- <sup>32</sup> *Bóreas*: vento do norte.
- <sup>33</sup> *Mísia*: antiga província da Ásia Menor.
- <sup>34</sup> *Gárgaros*: um dos píncaros do monte Ida, na Frígia (Ásia Menor).
- <sup>35</sup> *Estrimão*: outro nome da Trácia, ou um rio desse país.
- <sup>36</sup> *O próprio Pai*: Júpiter.
- <sup>37</sup> *Pléiades*: filhas de Atlas e Plêione, eram em número de sete (Maia, Electra, Taígeta, Astérope, Mérope, Alcíone e Celeno).
- <sup>38</sup> *Híades*: filhas de Atlas e Etra, metamorfoseadas em constelação.
- <sup>39</sup> *Árcton de Licaão*: a constelação da Ursa Maior, correspondendo miticamente à filha Calisto do rei arcadiano Licaão.
- <sup>40</sup> *Dodona*: ver *supra* nota 4.
- <sup>41</sup> *Mãe eleusina*: Ceres.
- <sup>42</sup> *Celeu*: rei de Elêusis e pai de Triptólemo, a quem, segundo uma versão do mito, Ceres ensinara a agricultura.
- <sup>43</sup> *Iaco*: outro nome de Baco.
- <sup>44</sup> *Amurca*: resíduo aquoso da fabricação do azeite de oliva, com muitas aplicações na economia rural antiga.
- <sup>45</sup> *Arcturo*: ver *supra* nota 30.

- <sup>46</sup> *Cabritos*: duas estrelas da constelação do Auriga.
- <sup>47</sup> *Hidra*: a constelação da Serpente.
- <sup>48</sup> *Abidos*: cidade da costa asiática do Helesponto.
- <sup>49</sup> *Libra*: a constelação da Balança.
- <sup>50</sup> *Média*: província da Pérsia.
- <sup>51</sup> *Touro branco*: a constelação do Touro.
- <sup>52</sup> *Cão*: a constelação da Canícula.
- <sup>53</sup> *Atlântides*: as Híades e Plêiades (ver *supra* nota 37 e 38).
- <sup>54</sup> *Estrela de Gnosso*: astro mais brilhante da constelação da Coroa, presenteada a Ariadne (uma princesa gnossiade) e depois transportada ao céu em metamorfose por Baco.
- <sup>55</sup> *Maia*: uma das Plêiades.
- <sup>56</sup> *Lentilha pelusiana*: de Pelúcio, na costa do Egito.
- <sup>57</sup> *Bootes*: ver *supra* nota 30.
- <sup>58</sup> *Cítia*: vasta região da geografia antiga, situada a nordeste da Europa.
- <sup>59</sup> *Baluartes Rifeus*: serras da Cítia, na Europa do norte.
- <sup>60</sup> *Austros da Líbia*: "Austros" são, propriamente, ventos do sul. Aqui, porém, os dizeres apontam para uma indicação geográfica meridional, apenas.
- <sup>61</sup> *O negro Estige e os Manes profundos*: "Estige" e "Manes" são, respectivamente, um rio infernal e as almas dos mortos na compreensão romana. Mas o todo da expressão indica contextualmente, uma espécie de terra dos antípodas no extremo sul do mundo.
- <sup>62</sup> *Aquele sob nossos pés*: o polo sul; o polo acima, é óbvio, corresponde ao norte.
- <sup>63</sup> *As duas Ursas*: a Ursa Maior e a Menor são Calisto e seu filho Arcas, metamorfoseados nessas constelações.
- <sup>64</sup> *Lá*: ver *supra* nota 62
- <sup>65</sup> *Oriente*: aqui, o sol com seu carro.
- <sup>66</sup> *Vésper*: a Estrela da tarde.
- <sup>67</sup> *Cordas amerinas*: da cidade itálica de Améria.
- <sup>68</sup> *Orco pálido*: trata-se de uma personificação do mundo infernal.
- <sup>69</sup> *Eumênides*: também chamadas de Erínias, eram sombrias deusas da vingança na mitologia grega.
- <sup>70</sup> *Céu, Jápeto e Tifeu cruel*: alguns gigantes, filhos da Terra, que desafiaram Júpiter tentando destroná-lo.
- <sup>71</sup> *Ossa*: monte tessálico, onde moravam os centauros.

- <sup>72</sup> *Pélion*: serra tessálica próxima ao Ossa.
- <sup>73</sup> *Olimpo*: montanha onde se situava, miticamente, a morada dos deuses superiores.
- <sup>74</sup> *Funda balear*: das ilhas Baleares (Maiorca e Minorca).
- <sup>75</sup> *O próprio Pai*: ver *supra* nota 36.
- <sup>76</sup> *Atos, Ródope, altos Ceráunios*: montanhas elevadas da geografia antiga.
- <sup>77</sup> *Fogo Cilênio*: o planeta Mercúrio.
- <sup>78</sup> *O próprio Pai*: ver *supra* nota 36.
- <sup>79</sup> *Euro*: vento do leste.
- <sup>80</sup> *Caistro*: rio da Lídia, na Ásia Menor.
- <sup>81</sup> *Morrões*: pavios de lâmpadas.
- <sup>82</sup> *Alcíones amadas por Tétis*: alcíones, ou maçaricos, eram aves marinhas lendariamente resultantes da metamorfose da jovem Alcione, que se suicidara afogando-se ao receber a notícia da morte do marido. A menção a Tétis, importante deusa das águas, diz respeito ao fato de que, segundo se cria, essas aves tinham sua permissão para construir seus ninhos no mar.
- <sup>83</sup> *Niso*: rei de Mégara que fora traído pela filha, Cila, tendo-lhe ela cortado um cacho dos cabelos de que dependia sua força. Foram metamorfoseados na água marinha e na ave chamada *ciris* ("garça") em latim.
- <sup>84</sup> *Febe*: a lua, também chamada Diana.
- <sup>85</sup> *Glauco*: pescador beócio, tornado deus marítimo por metamorfose.
- <sup>86</sup> *Panopeia*: uma das Nereidas, ninfas do mar que eram filhas de Dóris e Nereu.
- <sup>87</sup> *Melicerta de Ino*: mãe (Ino) e filho (Melicerta) metamorfoseados em deuses do mar após se precipitarem de uma falésia em fuga de Atamante, seu esposo e pai, que tencionava matá-los.
- <sup>88</sup> *Noto*: vento do sul.
- <sup>89</sup> *Titono*: o esposo da Aurora.
- <sup>90</sup> *Na própria face dele*: na própria face do sol.
- <sup>91</sup> *Aquilão*: vento do norte.
- <sup>92</sup> *César*: aqui, menção ao ditador assassinado em 44 a.C.
- <sup>93</sup> *Ciclopes*: gigantes que forjavam os raios de Júpiter sob o monte Etna.
- <sup>94</sup> *Eridano*: antigo nome do rio Pó, na Itália setentrional.
- <sup>95</sup> *Filipos*: localidade macedônica que foi palco da vitória dos partidários do cesarismo contra Cássio e Bruto, os assassinos do ditador.
- <sup>96</sup> *Emátia*: área que compreendia a Tessália e a Macedônia comumente.



- <sup>97</sup> *Hemo*: monte trácio.
- <sup>98</sup> *Indígetes*: velhos deuses latinos de definição imprecisa, a quem se atribuíam grandes poderes.
- <sup>99</sup> *Rômulo e mãe Vesta*: dois dos mais santos numes cultuados em Roma, correspondendo ao filho de Marte e seu mítico fundador e à deusa do Fogo Sagrado.
- <sup>100</sup> *Palatino*: uma das colinas de Roma, sede do poder palaciano na Cidade.
- <sup>101</sup> *Jovem*: alusão a César Augusto, citado logo abaixo mais uma vez.
- <sup>102</sup> *Troia de Laomedonte*: alusão à origem mítica dos romanos em Troia, cujo rei se servira de má-fé dos préstimos de Apolo e Netuno para construir os muros de sua cidade.

## Comentário introdutório a António Feliciano de Castilho

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa

O mínimo que se pode dizer da obra *Geórgicas*, traduzida por António Feliciano Castilho, é que se trata de algo surpreendente. Fruto do romantismo português, o texto que nos foi legado pelo autor do *Tratado de metrificacão* e de *A felicidade pela agricultura* acaba por ser uma parceria perene entre a poesia portuguesa do século 19 e o poeta latino maior, Virgílio. Em métrica e versificação lusa (o que realça, sem dúvida, a habilidade do poeta-tradutor) e com tema rústico, unem-se, em labores poéticos, o romântico e o antigo. Ambos manejam, em harmonia – e sincronia! –, os seus idiomas, ferramentas de trabalho para amaciar, limpar, fertilizar e irrigar a poesia. Sim, essa é uma metáfora ainda fecunda para expressar o fazer de Castilho. Por quê? Ora, porque, no sumário de *A felicidade pela agricultura*,<sup>1</sup> obra escrita por ocasião do preparo de sua tradução de *Os Fastos*, de Ovídio, o escritor português explica:

A Poesia nasceu nos campos, e para eles  
propendeu sempre.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> “Os segundos escritos [*A felicidade pela agricultura*], com função didáctica, eram dirigidos aos camponeses, no sentido de os motivar para a vida agrícola, fazendo-os sentir apreciados e valorizando a sua actividade. Tanto numa como noutra obra, a visão idealizada do mundo rural deve muito a Virgílio, a Horácio e a Ovídio, que cita directa ou indirectamente, autores que tinham claramente ecoado já, também, nos clássicos renascentistas Diogo Bernardes, Sá de Miranda ou António Ferreira” (TOIPA, 2005, p. 152).

<sup>2</sup> CASTILHO. *A felicidade pela agricultura* (Projecto Vercial).

E, completemos, não nasceu apenas na terra dos versos de Ovídio, mas nas searas de Virgílio e ainda – tão mais remotamente – em Hesíodo.

Embora não fosse considerado poeta de gênio, Castilho sabia muito bem os caminhos que percorria quando escolheu traduzir os trabalhos do campo versificados pelo romano:

A Poesia nasceu nos campos, e por muito tempo só conheceu esse viver viçoso e perfumado. Veio a fazer-se dama ambiciosa de mais refinadas delícias; assentou vivenda nas cidades; fez-se muito sábia, muito ativa, muito maléfica, muito contraditória; ora devota, ora ímpia, ora frívola, ora profunda; mas lá os seus campos nunca se lhe desluziram da lembrança.<sup>3</sup>

Os homens e a *poesia* celebram a arte que ensina a vencer as dificuldades da vida com trabalho árduo e constante<sup>4</sup> (seja no campo, seja no texto). Se em Virgílio a requintada técnica de narrar o rude espanta pela sua beleza, Feliciano escava a poesia clássica e transplanta-a para o terreno ibérico, em dísticos rimados e ritmados. Isso porque, novamente, ele pergunta, no mesmo estudo:<sup>5</sup>

A idade de oiro, que é a sua cisma contínua, posta umas vezes no passado, outras no futuro, a idade de oiro (que Deus sabe se é tão fabulosa como cuidam, a não ser em relação ao seu título), que era ela se não a Arcádia, o viver campestre, manso e regalado?

[...]

Passaram os povos antigos, com as suas religiões e usos particulares. Nos escritos que de então sobreviveram, o que é o que mais nos encanta? Não são por certo as descrições dos seus usos exclusivos, ainda para aí se atrai fortemente a curiosidade; são, sim, os toques alusivos ao viver rural, porque enfim, aí é que é o ponto de contacto

de todas as idades, e de todas as civilizações. O campo é que é o centro de unidade da espécie humana.<sup>6</sup>

E Castilho foi, como a própria poesia, sua matéria-prima, um fidalgo, cavaleiro da *Ordem da Torre-e-Espada*, oficial da *Rosa do Brasil*, membro do *Real Conservatório*, vogal do *Conselho Superior de Instrução Pública*, editor do jornal *Agricultor Micaelense...* E sua maneira de ser, perfeita para abordar um poema da terra criado por uma refinada técnica alexandrina, reflete a sua forma de traduzir e de manusear o verso-palavra-*virgiliano* que mais tarde servirá também à nossa estética parnasiana.

Nem carece dizer que, sendo cego desde os seis anos, ele se aproximou por substância da oralidade de Homero; por essência, da delicada maestria de Virgílio. E o fabricar, a partir do que se retira do campo, no canto didático do poeta-tradutor, é mel leve, caro e cultivado:

O que as messes alegre; o astro que mais convida  
A revolver o solo, e a armar no olmeiro a vide;  
Criação de armento e fato; e quanto de ciência  
O parco enxame pede, e ensina a experiência,  
Mecenas, vou cantar.<sup>7</sup>

Ainda que, como ensina rigorosa a proposição poética acima, os assuntos das *Geórgicas* completas se repartam em quatro direções principais, não foi pouca a ciência *sempre* requerida do tradutor para bem verter a clássica obra de Virgílio. Para os que o souberem, porém, apreciar, suaves parecerão até o fim os frutos desses *dulces labores*.

<sup>3</sup> CASTILHO. *A felicidade pela agricultura* (Projecto Vercial).

<sup>4</sup> Ver prefácio de Paulo Sérgio de Vasconcellos, neste volume.

<sup>5</sup> “Esta obra, além de outras suas, traduzi eu; e por sinal que ofereci a tradução a um muito particular amigo dele, meu, e vosso, que é o Secretário da nossa Sociedade de Agricultura”. Castilho. *A felicidade pela agricultura* (Projecto Vercial).

<sup>6</sup> CASTILHO. *A felicidade pela agricultura* (Projecto Vercial).

<sup>7</sup> CASTILHO. *As Geórgicas*, I 1-5.

## Geórgicas I

Tradução de António Feliciano de Castilho

O que as messes alegre; o astro que mais convida  
A revolver o solo, e a armar no olmeiro a vide;  
Criação de armento e fato; e quanto de ciência  
O parco enxame pede, e ensina a experiência,  
5 Mecenas, vou cantar.

Fanais do etéreo espaço,  
Que pelos céus guiais o ano a passo e passo!  
Baco, alma Ceres, vós por quem a terra antiga  
mudou caônia glande em substancial espiga,  
10 e aos copos de Aqueloo uniu do mosto o achado!  
Faunos bons, por quem sempre o agreste é despachado!  
Correi, Faunos! Correi, ó Dríades donzelas!  
Descanto os vossos dons.

Árbitro das procelas,  
15 Que ao truz do grão tridente o incógnito cavalo  
Romper do chão fizeste aos rinchos, e a escarvá-lo,  
Netuno!

Ó morador dos nemorais encerros,  
Para quem tosa em Ceia armento de bezerros  
20 Trezentos cor de neve as sarças como relva!  
Os bosques do Liceu deixando, e a pátria selva,  
Tu, de ovelhas pastor, se os Ménalos amenos

Te importam, Pã Tegeu, assiste-me não menos!  
 Minerva, ó mãe da oliva!  
 25                    Ó moço autor do arado!  
 Ó Silvano, que em punho ostentas arvorado,  
 Coa raiz toda, o escol dos juvenis ciprestes!  
 Quanto há'í deus enfim, quanta há'í deusa, prestes  
 Sempre ao campo a acudir, criar-lhe sem semente,  
 30 E espalhar no semeado as chuvas largamente!  
 Numes de tanto amor, não me sejais adversos:  
 As vossas glórias canto, auxiliai meus versos!  
 E tu, César, também: tu és também deidade:  
 O que só por enquanto ignora a humanidade  
 35 É de quais há's de entrar no eterno ajuntamento:  
 Das terras, das nações, apraz-te o regimento?  
 E do orbe a imensidade, acorde em conferir-to,  
 Cingindo-te o materno e glorioso mirto,  
 Ter-te-á por influidor dos frutos e das quadras?  
 40 Ou, deus do infindo mar, nos transes das esquadras  
 Serás o só chamado? Abrangerás no mando  
 Tule, do mundo extrema? E Tétis, proclamando  
 O poderio teu, por suas vagas todas  
 Comprar-te-á para genro, ufana com tais bodas?  
 45 Ou, constelação nova, eleges ir grupar-te  
 Coas dos meses da tarde, enchendo aquela parte  
 Que entre Erígone se abre, e o Escorpião, que a segue?  
 Teu desejo sem custo o êxito consegue,  
 Que o próprio monstro ardente os braços d'improviso  
 50 Encolhe, a te alargar mais campo que o preciso.  
 Seja qual for teu reino (o Tártaro excetua;  
 Reinár lá, fora atroz; não seja ambição tua,  
 Por mais que a Grécia admire a elísia amenidade,  
 E Prosérpina fuja à maternal saudade)  
 55 Facilita-me o passo; anui-me à audaz empresa;  
 Comigo ao camponês, que da ignorância é presa,  
 Dá compaixão, põe luz; sê guia aos teus devotos!

Principia já hoje a acostumar-te a votos!  
 Na primavera nova, ao desnevar das serras,  
 Quando Zéfiro ameno enxuga, afofa as terras,  
 60 Entre-me logo o touro em sua agreste lida  
 A arar fundo, e a gemer, e a relha a andar polida.  
 Mas lavra de fartar a sôfrego seareiro,  
 E arrombar-lhe os granéis, é só a que primeiro  
 65 Duas datas de sol, duas de frio apanha.  
 Antes de meter ferro a incógnita campanha  
 Cumpre os ventos saber-lhe, a compleição dos ares,  
 As praxes dos avós, o próprio dos lugares.  
 O que um sítio dá bem, já noutro não convinha:  
 70 Aqui prospera a messe, além triunfa a vinha;  
 Aqui, medra o pomar; lá, sem cultura, as ervas;  
 De cheiroso açafraão dourado o Tmolos observas.  
 Manda a Índia marfim; moles sabeus, incenso;  
 Dentre os cálibes nus se exporta o ferro infenso;  
 75 Os castóreos, do Ponto; as éguas sem respiro,  
 Que em Élide obtêm palma, enfim provêm do Epiro.  
 Leis são, que a natureza, origem de harmonias,  
 Aos vários sítios pôs nesses remotos dias,  
 Em que Deucalião pedras lançava aos ermos,  
 80 Das quais no duro ser provamos descendermos.  
 Andar pois! Terra grossa, os fortes bois, que a volvam  
 Na quadra que abre o ano, a fim de que a resolvam  
 De torrões em pó solto os rijos sóis do estio;  
 É isso, o que a recoze. Em chão de pouco brio  
 85 É bastante sulcar-lhe a superfície apenas,  
 Em despontando o Arcturo; assim te forras penas,  
 Quer num, quer noutro caso: ao bom terreno, esquivas  
 A messe de afogar-se em plantas mil nocivas;  
 Ao seco e mal fecundo, abonas umidade.  
 90 Se um alqueive te deu este ano novidade,  
 Para o ano que vem deixá-lo de restolho,  
 Dormir e endurecer.

Ou, se te apraz, não tolho  
 Que a loura Ceres venha, em lhe a estação chegando,  
 95 Lançar a escândea em chão que há pouco andou folgando  
 Co' o seco ramalhar das crepitantes vagens  
 Dos legumes, vã selva, e brinco das aragens:  
 A mal cheia ervilhaca, o vil tremoço... Em linho  
 Não falo, que um linhar às terras é daninho:  
 100 Queima-as; como também as queima a ingrata aveia,  
 E a dormente papoula infusa em létea veia.  
 O alternar é porém muito melhor costume;  
 Logo que à gleba exausta acuda o crasso estrume,  
 E encinzes bem a chá que te ficou falida.  
 105 Mudar de produção dá sua folga à lida,  
 Mas terra não lavrada alguma coisa presta.  
 Muita vez tem servido a estéril campo a cresta  
 Que lhe dão co' o restolho as chammas estralantes.  
 Ou porque esse calor forças ocultas antes  
 110 Lhe acorda, e mais substância acaso lhe insinua;  
 Ou porque lhe consome o vício todo e exsua  
 Os humores ruins; ou porque desaperta  
 As entranhas do solo, e dá passag'e aberta  
 Aos sucos, nutrição da planta suspirada;  
 115 Ou porque adstringe a gleba, e assim denega entrada  
 Às cacimbas subtis, aos sóis que às vezes teimam  
 E do Bóreas cortante aos frios que requeimam.  
 Vês quão bem sirva ao campo, e a Ceres quanto agrade  
 Cultor que vai de encincho, e coa vimínea grade  
 120 Os torrões do seu campo assíduo esfarelando!  
 Alegre lá do Olimpo a Deusa o está velando!  
 Folga de contemplar, como, picando a junta,  
 Mete o arado através, e lavra a lavra ajunta.  
 Esse é que amanhã a herdade, e a terra senhoreia.  
 125 Lavradores, pedi, querendo boa estreia,  
 Nos invernos, segura, e chuva nos solstícios.  
 O pó do inverno é ouro: os pães com tais indícios

Já se estão regalando e rindo-se a lavoura!  
 Lá o vereis na aceifa! A Mísia não se aloura  
 130 Com messes tão de lei; nem Gárgara, que admira  
 Os seus ricos trigais, a estes os prefira.  
 Que direi do cultor, que, mal semeia, acode  
 A leiva a derruir (que nada criar pode);  
 Depois, canais abrindo ao seu ribeiro ou rio,  
 135 Rega todo o semeado; e quando ferve o estio,  
 Queima os chãos, tisna a erva ansiosa em vão d'álvio,  
 Pronto lhe faz descer do alto do declívio  
 Os líquidos cristais, que vêm de pedra em pedra  
 Trazer-lhe, murmurando, a vida e nova medra!  
 140 E o como ele, em surdindo à flor do sulco o trigo,  
 Mete o gado a espontá-lo, e o salva do perigo,  
 De lhe vir a acamar, quando pender maduro!  
 E o como enfim do arneiro escoo o charco impuro,  
 Nas dúbias estações mormente em que extravasa  
 145 Pelos campos o rio, e tudo afoga em vasa,  
 Que em lhe apertando a calma em pântanos fumeia!  
 Mas bois e homens té'qui só tem a obra meia;  
 Mil causas à lavoura ameaçam inda agravos;  
 Indicá-las convém.  
 150 Danam-lhe os patos bravos;  
 Danam strimôneos grou; dana a raiz amarga  
 Dos almeirões; e dana a árvore que embarga  
 Ao sol passagem livre.  
 O Pai, rei da natura,  
 155 Bem podia alhanar o trato da cultura,  
 Mas não quis; preferiu, por que o mortal se adestre,  
 Se estimule, se ative, e o reino seu campestre  
 Não viesse a perder-se um dia ao desamparo,  
 Que o lavrar fosse afã, e indústria o seu preparo.  
 160 Ninguém antes de Jove um campo desbravava:  
 A lei que os mede agora, e marcos lhes encrava,  
 Então faria horror. Tudo em comunidade

Tocava por igual a toda a humanidade;  
 E a terra sem violência, em dons desentranhada,  
 165 Dava tudo per si, sem lhe pedirem nada.  
 Fez Jove peçonhenta a lúrida serpente;  
 O lobo, salteador; furioso, o mar fremente;  
 Veda às folhas dar méis; remove o fogo; o vinho  
 Dos regatos estanca. Assim abriu caminho  
 170 Coa míngua à diligência, ao meditar fecundo,  
 E às artes, força, glória, e mágica do mundo.  
 De regos surdem pães; de pedras saltam flamas;  
 Abre um álamo ao vento a vela em vez de ramas;  
 Astros numera o nauta, e nomes lhes comparte;  
 175 Vê Pléiades daqui, Híades doutra parte,  
 E a Ursa a cintilar na cúpula do espaço;  
 Tomam-se aves no visco; arma-se às feras laço;  
 Cercam a mata cães; desce a tarrafa ao rio;  
 Na ampla rede que investe o undoso senhorio  
 180 Vem de rojo em cardume o argênteo peixe à terra.  
 Ruge a grossa; rechina a lâmina da serra  
 (antes da ferramenta, a gente d'algum dia  
 só lenhos bons d'abrir, e à cunha, dividia).  
 Eis como as artes vêm, se aumentam, se dirigem,  
 185 Filhas da precisão, da atividade origem!  
 Que do humano trabalho a heroica persistência  
 Faz prodígios qual nume; encerra onipotência.  
 Mas a invenção do arar só foi presente, e grande,  
 De Ceres aos mortais, quando medronho e lande  
 190 Iam minguando já nas matas das deidades;  
 Té em Dodona, surda a tais necessidades.  
 Mas eis do trigo o dom fadigas dando ao homem;  
 Devora a mangra ao colmo: o suco à terra comem  
 O inútil cardo, algoz da mísera seara,  
 195 Abrolhos e bardana; a praga aqui não pára:  
 Que até o triste joio, a desmedrada aveia,  
 Na messe mais lustrosa ufana se intermeia.

Se não andares, pois, contra o cruel praguedo  
 Sempre de rastro em punho, e a pôr às aves medo  
 200 Co'o sonoro espantalho, e a derribar coa foice  
 Quanto ensombra a lavoura, e a implorar chuva, foi-se  
 O teu remédio todo, ó mísero e mesquinho.  
 Trigo aos montes... vê-lo-ás na eira do vizinho.  
 De acudires à fome um só regresso vejo:  
 205 Se há lande no montado, é ires-te ao varejo.  
 Cabe agora ementar qual seja a ferramenta  
 Que aos rústicos granjeia o pão que os alimenta:  
 O primeiro lugar pertence ao curvo arado  
 Co'o seu rompente ferro, e o seu temão pesado.  
 210 Eis da madre Eleusina o carro vagaroso,  
 Os trilhos, os jorrões, o encinho ponderoso,  
 E as alfaias de vime em tantas formas várias,  
 Invenções de Celeu, pobres mas necessárias:  
 Grades de medronheiro, e as bacanais joieras.  
 215 Tudo previne a tempo. As armas verdadeiras  
 São estas para ti, se conquistar presumes  
 Glória de lavrador, título aceito aos numes.  
 Na mata logo e já, olmo à força dobrado  
 Finja, até à rabiça, um tortuoso arado.  
 220 Oito pés ao temão desde a raiz estende;  
 D'aivecas põe-lhe um par, e seus dentais lhe prende,  
 De dúplice espinhaço. A canga há de ser leve,  
 Para isso antecipada a til cortar-se deve,  
 Ou a faia alterosa, igualmente prestante  
 225 Para a esteve que rege a máquina rodante,  
 Como o leme ao baixel. Mas estes paus primeiro  
 Impendam sobre o lar, endurem-se ao fumeiro.  
 Se de minúcias tais não sois muito inimigos,  
 Posso vos referir mil regras dos antigos:  
 230 Logo entre as principais a construção figura  
 De uma eira capaz, bem sólida, bem pura,  
 Toda assente a cilindro, à mão toda alisada,

E com barro tenaz bem densa, bem fechada,  
 Por que a não ince a erva, ou grete em pó desfeita.  
 235 Eira que assim não for, a que não está sujeita!  
 Ali casa e celeiro enterra o murganhinho;  
 Ali cega toupeira escava, oculta o ninho,  
 Se entoca o sapo feio, e quanta hedionda praga  
 Sob as terras se esconde, e os frutos lhes estraga:  
 240 Co' o gorgulho, a formiga, a quem velhice e fome  
 Alembam com terror, montes de grão consome.  
 Queres ter da colheita a profecia exata?  
 Vê quando a amendoeira em flores se desata,  
 Curva as hástias cheirosa, e a primavera chama.  
 245 Se vires muita safra alvoroçar-lhe a rama,  
 Conta com trigo a rodo; aí é que é moagem  
 Para o tempo estival. Se excesso de folhagem  
 Só porém te dá sombra, a fome está contigo;  
 Trilhas colmos na eira, e não te fundem trigo.  
 250 Vi muitos hortelões medicar a semente  
 Primeiro com salitre, e aspersa ultimamente  
 Coa albufeira do azeite, a fim de que a vagem,  
 Que engana basta vez, ganhasse o grão vantagem,  
 E assim melhor criado o rústico legume  
 255 Se deixasse cozer depressa em pouco lume;  
 E também já vi grãos, apesar do cuidado  
 De longa escolha e exame, haver degenerado.  
 Por isso o que bem horta, um a um anualmente  
 Os máximos grãos toma, e enjeita a mais semente.  
 260 Piorar e descair é lei do fado em tudo:  
 Com que afã rema, e sua, e cansa o braço rudo  
 Água acima um barqueiro! E se exaurido cessa,  
 Como a torrente o leva, e túrbida o remessa  
 Água abaixo outra vez, roubando-lhe inimiga  
 265 Num momento o ganhado em horas de fadiga!  
 Por tudo há-de atentar o agrícola prudente:  
 Notar nos céus o Arcturo, os Cabros, a Serpente,

Como os nota quem vem pelos ventosos mares  
 Saudoso demandando a terra e os pátrios lares,  
 270 E da ostrífera Abido aboca o bravo estreito.  
 Quando o fiel da Libra aponta aos céus direito,  
 Pesando por igual horas ao sono e ao dia,  
 Meio orbe à quente luz, e meio à treva fria,  
 Sus, valentes do campo! Arar para as cevadas!  
 275 Andai co' os bois, andai, té que entrem as chuvadas  
 Do intratável inverno.

Agora as sementeiras  
 Cabem também do linho e cereais dormideiras.  
 Não abrir mão do arado, enquanto enxuto o solo  
 280 Vê as nuvens pairar pelo indeciso polo.  
 A fava italiana, o trevo meda, o milho,  
 Vosso anual cuidado, hão de semear-se ao brilho  
 Do sol da primavera, enquanto é mole a terra,  
 Quando o cândido Touro o ano nos descerra  
 285 Coa dourada armadura; e dante o grão luzeiro  
 Se perde imerso em luz o astrígero rafeiro.  
 Se porém teu arar for para messes trigas,  
 Ou fortes farrageais, enfim só para espigas,  
 Deixa que as orientais Atlantides se ocultem  
 290 Antes que dês princípio, e aguarda que sepultem  
 Os gólfãos do oceano a de astros c'roa acesa,  
 Com que se adorna a fronte à crética Princesa.  
 Depois é semear; a esp'rança da colheita  
 Só bem se entrega à chá, quando esta a não rejeita.  
 295 Alguns, antes que Maia houvesse ao mar descido,  
 Começaram a lavra; e qual seu prêmio há sido?  
 Segar espigas vãs.

O que semeia ervilhas,  
 Feijões hartos plebeus, nilóticas lentilhas,  
 300 Em se o Bootes pondo é que ele principia,  
 E vai seguindo além, té meada a estação fria.  
 Para isso é que o sol, que doura essa atmosfera,

De signo em signo corre, e nos perlustra a esfera.  
 Têm zonas cinco os céus: a média, eternamente  
 305 Coruscante de sol, e em fogo eterno ardente;  
 Duas, as lá da extrema, à destra e sestra, imensas,  
 Rijas de gelo azul, trás de nuvens densas;  
 Entre estas e a central, mais duas, que a bondade  
 Dos imortais concede à pobre humanidade.  
 310 Transversa via as corta, oblíqua vai por ela  
 Dos signos zodiacais a lúcida sequela.  
 Para as bandas da Cítia e das rífeas serras  
 Vai o mundo a subir, quanto inclinando às terras  
 Da Líbia e plaga austral abaixa e se deprime.  
 315 Nosso polo, dos céus na abóbada sublime,  
 Vertical nos impende: os manes do profundo  
 Têm-no sob os seus pés; seu polo é noutro mundo.  
 Neste céu boreal, preclaro, onipatente,  
 Se arrasta sinuosa a máxima Serpente,  
 320 Que envolve como um rio as Ursas, receosas  
 De que as afogue o mar nas vagas alterosas.  
 Lá, sob o polo oposto, uns dizem que a mais funda  
 E horrenda noite o espaço eternamente inunda;  
 Dizem outros que a aurora, em se de nós partindo,  
 325 Se torna lá co'o dia; e que num jogo infindo,  
 Quando aqui nos resfolga o coche matutino,  
 Se ergue lá coa lua rubra o astro vespertino.  
 Assim quem lê nos céus, para a ignorância escuros,  
 Faz que sirva ao presente o anúncio dos futuros:  
 330 O prazo de colher, e o de semear conhece;  
 Quando é que o mar infido às vogas se oferece;  
 Quando há de pôr-se a nado aparelhada frota;  
 Quando abater pinhais. Não pois em vão se nota  
 De cada vário signo ocaso e nascimento,  
 335 E das quadras o turno, e do ano o regimento.  
 Quando for que a invernia impeça os camponeses  
 De saírem do lar, como sucede às vezes,

Podem, trocando o ócio em proveitosa lida,  
 Muita alfaia arranjar; que a tempo apercebida,  
 340 Vem a forrar depois azáfama escusada,  
 Quando a atmosfera rir para o cultivo azada.  
 Um bate e afia a recha; outro gamelas cava;  
 Marcam-se os animais; o número se grava  
 Às medidas na tulha; aguçam-se as estacas,  
 345 E os forcados; da vinha aprestam-se as atracas  
 Com a junça amerina; agora coas vermelhas  
 Dóceis hástias do choupo entecem-se corbelhas:  
 Tosta-se agora o grão; mói-se coa pedra agora.  
 Té nos dias de festa, ind'hoje, como outrora,  
 350 Lidas há em que é dado o camponês se empregue:  
 Nem religião nem leis lhe ordenam que não regue,  
 E as messes não empare; armas às aves pode;  
 Pode pôr fogo ao mato; e ao rio, que lhe acode  
 Nas gafeiras da grei co'o fresco e ledó banho,  
 355 Lançar o balador, lanígero rebanho.  
 Frequente em dias tais é ver-se atrás do asninho  
 Carregado de azeite, ou fruta, ir-se caminho  
 Da cidade o campônio, ou volver da cidade  
 Coa sua mó picada, e negro pez, à herdade.  
 360 Dias bons, e outros maus, traz o variar da lua.  
 Evita sempre o quinto a qualquer obra tua:  
 Nasceram nele o Orco, e as Fúrias; nele a Terra  
 Deu à luz contra os céus, prenhe de infanda guerra,  
 Os monstruosos irmãos: Céu, Jápeto, o inumano  
 365 Tifeu. Por vezes três o tropel bruto e insano  
 Cometeu sobrepor ao Pélion alteroso  
 O Ossa; ao Ossa, o Olimpo, – o Olimpo amplisselvoso;  
 E três vezes o Padre, atroando os horizontes,  
 Lhes fez, do raio ao trom, rolar abaixo os montes!  
 370 O décimo, e após ele o sétimo, é de estreia:  
 Bacela; amansa bois; enliça o ordume às teias.  
 Eu o nono aos ladrões à fé que o não abono;



Se tens de jornadas, põe-te a caminho ao nono.  
 Muito lavor há'í que a noite úmida e fria  
 375 E a rociante aurora ajudam mais que o dia:  
 De noite é que é ceifar os pães, o pasto, o feno;  
 Que às noites nunca falta o seu lentor sereno.  
 Pelos tardos serões, o agreste, à labareda  
 380 Que lhe agasalha o lar, aguça o pinho teda,  
 De que vai fabricando o paus para candeias;  
 E a mulher ao tear, toda aguçosa em teias,  
 Cantando engana o tempo, e alterna a lançadeira  
 Ao compasso do canto, alegre tecedeira;  
 Ou coze o doce mosto, e ao caldeirão, que fuma  
 385 E retreme a ferver, com pâmpanos o escuma.  
 Na zina do verão, cega e debulha a messe;  
 Bem vês que está já loura, e o sol te favorece.  
 Lavar e semear pede ares tão serenos,  
 Que andes nesse lavor despido, ou pouco menos.  
 390 Desatando a chover, descansa-se. No inverno  
 É que o bom do colono ao labutar externo  
 Se permite dar quebra, e em sua estância cara  
 Se regala co'os bens que a tempo granjeara.  
 Vem o mútuo convite, e o bródio farto, a dança.  
 395 Fora, cuidados, fora! O inverno ama a folgança.  
 É como quando ao porto onusto lenho aproa,  
 E a chusma jubiloso a popa alfim coroa.  
 Mas inda há que apanhar: o fruto dos anzinhos,  
 Do louro, da oliveira, e rúbidos murtinhos.  
 400 E os alçapés aos grouis! E as redes aos veados!  
 E o perseguir a lebre! E os gamos derrubados  
 Da balar funda ao tiro! Oh! Que exercícios belos,  
 Para quando a corrente aboia caramelos,  
 E a neve encobre o solo.  
 405 E que direi dos signos  
 Do tempestuoso outono, em que dos sóis benignos  
 A duração decresce e as calmas se temperam!

Que desvelos então, cultores, vos esperam!  
 Ou que direi de quando em pluvial arrojo  
 410 A primavera rui sobre o campo, onde o amajo  
 Vem já inçando o trigo aos frêmitos nas leiras!  
 Visto hei já na estação do tráfego das eiras,  
 Quando o seareiro lança ao campo segadouro  
 415 O rancho dos ceifões contra as espigas d'ouro,  
 Muitas vezes hei visto erguerem-se violentos  
 Em batalha campal e com tal fúria os ventos,  
 Que do solo extirpada a grávida seara  
 Pelos ares voava. A turbulência avara  
 Do negro redemoinho absorve, eleva, espalha  
 420 Por onde quer de envolta os grãos e a fútil palha.  
 Muitas vezes também vem pelo céu correndo  
 De nuvens prenhes d'água um exército horrendo;  
 Acastelam-se a prumo, e dentre o escuro plúvio  
 425 Despenham sobre a terra horrísono dilúvio,  
 Que os trabalhos dos bois e as ledas sementeiras  
 Para logo derrota. Atestam-se as valeiras;  
 Cresce o mais fundo rio e troa; o mar, co'os pegos  
 Todos a remugir, ferve em delírios cegos.  
 Do centro do negrume o próprio grão Tonante  
 430 Raios desfere a flux da destra coruscante.  
 Treme ao duro ribombo espavorida a terra:  
 Foge todo animal; todo animal se aterra;  
 Enquanto do alto nune os virotões coriscos  
 435 Vão à toa batendo os mais fragosos riscos:  
 Dos montes rodopeus, do Atos arrogante,  
 Ou da ceráunea serra o vértice gigante.  
 Redobra a ventania; a chuva é cataratas;  
 Co'os tufões geme agora a praia, agora as matas.  
 Cautela pois, cautela, amados camponeses!  
 440 Não basta conhecer as estações e os meses:  
 É mister atentar no livro das estrelas,  
 Sabê-las distinguir, e saber entendê-las;

Por exemplo: a que signo o frígido Saturno  
 Vai procurar asilo? O resplendor noturno  
 445 Do cilênio Mercúrio, em que órbita viaja?  
 Mas por maior a ciência, e mais desvelos que haja,  
 O ponto essencial são ânimos devotos,  
 E honrar os imortais fáceis a humanos votos.  
 Faze-me a Ceres grande os seus anuais festejos  
 450 Na chá que ri já verde aos tépidos bafejos  
 Da flórea primavera. Os ledos cordeirinhos  
 Então é que têm carne, e mais sabor os vinhos;  
 Dormem-se os sonos bons; e as árvores, coas fronte  
 Galanadas de viço, enchem de sombra os montes.  
 455 De toda a vizinhança acuda a mocidade  
 A festejar-te ali das messes a deidade.  
 Em leite e brando vinho os favos bem delidos  
 Lhe oferta. Em derredor dos trigos já nascidos  
 Três vezes se passeie a rês que propicia;  
 460 Siga-a cantando o coro, e a alegre companhia  
 A invocar para a casa em férvidos clamores  
 Da deusa mãe dos grãos os pródigos favores.  
 Que ninguém meta foice aos pães duma seara,  
 Se chegado esse prazo a testa não c'roara  
 465 De retorcida anzinha, e à madre das espigas  
 Se esqueceu de bailar coas sóliticas cantigas.  
 As calmas, o chover, e os ventos que arrepiam,  
 Tudo lá tem sinais que ao certo o pressagiam.  
 Assim o quis o Padre: impôs de encargo às luas  
 470 Os meses predizer coas variedades suas.  
 Sabe-se antecipado o fim dos austros duros.  
 Sabe o experto zagal se dos redis seguros  
 Não deve ir pascer longe. O vento se avizinha?  
 Lá estava a predizê-lo o inchado da marinha  
 475 A arrebentar em flor, e essa árida zoada  
 Que saía da serra, e a costa alvorotada,  
 E os bosques a rugir,

Revoando azafamados  
 À terra os mergulhões dos páramos salgados,  
 480 Para a praia a clamar; quando a garça passeia  
 Nas nuvens, e retoíça a gaivota na areia,  
 Má venida a que o mar promete aos navegantes!  
 Muitas vezes também podeis notar, como, antes  
 Que se erga o vento, o céu despenha estrelas, brilho  
 485 Que deixa atrás no escuro ígneo e branco rastilho.  
 A palha, a folha seca, então vê-las costumas  
 Pelos ares brincar, e à tona d'água plumas.  
 Mas o céu boreal se encarranca e lampeja!  
 Do Zéfiro a mansão, de Euro a mansão tropeja!  
 490 Eis cada fossa um lago, e mar a terra plaina!  
 O marinheiro ao largo o úmido pano amaina!  
 Borrasca assoladora é sempre anunciada:  
 Olha os grous como vão fugindo em debandada,  
 Vendo-a surgir do vale! Olha a bezerra atenta  
 495 D'olho fito no céu a farejar tormenta!  
 Adverte na andorinha a volitar zunindo  
 Pela fresca ribeira! E as rãs que estão grasnindo  
 Nos limos do marnel as prístinas querelas!  
 E as formigas levando ao longo das vielas  
 500 Os ovinhos com medo à inundaçã do albergue!  
 O arco de cores mil d'águas formado se ergue!  
 Dos corvos o esquadrão desamparando o pasto  
 Os ares atravessa estrepitoso, vasto!  
 Não te basta? Inda a chuva assim não adivinhas?  
 505 Ver a satisfação das aves ribeirinhas,  
 Que à beira do Caístro e no áasio ameno prado  
 Esgravatam da terra o seu banquete usado!  
 Ver como andam agora à porfia e contentes  
 A se aspergir coa linfa as asas reluzentes,  
 510 A arremeter co'o pego, a mergulhar! Tamanho  
 O supérfluo prazer com que as namora o banho.  
 Sozinha a ruim da gralha, a passear na areia,

515 A chuva anda a chamar com voz roufenha e cheia.  
As moças ao serão, entre o fiar palreiro,  
Também têm da invernã indício bem certo,  
Quando o candil de barro entre a espirrar, e estira  
Os podridos Morrões.

520 Porém se o tempo vira  
De pluvioso e escampado, outros sinais não menos  
Prognosticam céu alvo e dias resserenos;  
O brilho sideral de véus se desempana.  
Tão d'ouro vem surgindo a lua, que a Diana  
Tal esplendor jamais o irmão não reverbera.  
Frocos d'etérea lá não boiam já na esfera.  
525 Não se espanja ao sol na praia o maçarico,  
De Tétis predileto. O báculo ao fanico  
Já não desfaz coa tromba as medas. Vem rasteiro  
Pousar à flor da terra o leve nevoeiro;  
E a coruja observando o ocaso, alcandorada  
530 No alto cume da torre, os tardos sons não brada.  
No ar transparente, Niso, empinado, sublime,  
Em Cila vai punir da loura como o crime;  
Cila, as asas batendo, aquém e além se esgarra;  
Niso, com grão fragor e ameaçadora garra,  
535 Aquém e além a segue, e atroz lhe sobrepende;  
Ele a urge, ela o balda, e os livres ares fende.  
Adelgçando a voz, os corvos dão grasnidos  
Três vezes até quatro em seus covis subidos;  
Parecem doudejar de insólita alegria  
540 Pelos frondosos vãos da árvore sombria.  
Já lá vai a invernada, e cheios de carinho  
Tornam a haver a prole, a paz, o amor, o ninho.  
Deus não lhes deu, bem sei, profética ciência  
(neles há mero instinto, em nós inteligência);  
545 Mas quando o humor do céu, tão fácil à mudança,  
Em compleição varia e troca a temperança,  
E no alto úmido Jove, a quem o ar dá preito,

550 Ou rarefaz o denso, ou densa o rarefeito,  
Mudam-se as compleições nos entes animados:  
O que haviam sentido oprimidos dos nublados,  
Troca-se co' o sereno em vívida alegria!  
Por isso é todo o campo alígera harmonia,  
Contentamento o gado, e em vez de grasnos torvos,  
Crocitam de alvoroço em tom festivo os corvos!  
555 Se olhas ao sol corrente, e às luas sucessivas,  
Sabes logo o amanhã; tomas cautela, e esquivas  
Logros que muita vez formosa noite oculta.  
Se, quando a lua nova os raios dessepulta,  
Vem coas pontas sem luz ameaçando os ares,  
560 Grão tormenta à lavoura! E grão tormenta aos mares!  
Se virgíneo rubor lhe tinge a face, vento  
Nunca este indício falha.

Ao quarto nascimento,  
Se a vires (é de fé) rir sem obtusas pontas,  
565 Todo esse dia, e os mais que depois dele contas  
Até que expire o mês, hão de correr-se puros  
De aguaceiro e vento. Os nautas resseguros  
Seus votos solverão na praia, alfim já certa,  
A Glauco, a Panopeia, ao inoo Melicerta.  
570 Também o sol augura: e quando nasce, e quando  
Já se vai no Oceano esplêndido atufando.  
Tudo que ele indicar ao purpurear-se o dia,  
E ao constelar-se o polo, é certa profecia.  
Nascendo maculoso, e o disco seu té meio  
575 Numa nuvem sumido, aguadas te receio.  
Vem lá do mar o sul, às árvores contrário,  
E ao semeado, e às greis.

Se o seu resplendor vário  
Dentre nuvens se fecha à toa, ou se incolora,  
580 Do cróceo camarim foge a Titão a Aurora,  
Mal te protege a parra, uva em flor! Tanta a raiva  
Com que nos tetos salta a estrídula saraiva.

585 Mas atenção maior nos pede o sol ainda,  
Ao partir-se de nós tendo a jornada finda.  
Nesse instante solene em que nos cerra o dia,  
A miúdo altera a cor: cerúleo, denuncia  
Salseiros; cor de fogo, ásperos euros; tendo  
O lume enodado, águas e vento horrendo.  
590 Ninguém por noite assim me diga que ao mar saia,  
Nem sequer desatraque o meu baixel da praia.  
Mas se lúcido se ergue, e lúcido se acosta,  
Ri-te de temporais; nas árvores da encosta  
Só verás menear-se os píncaros cimeiros  
Do límpido nordeste aos bafos preguiceiros.  
595 Em suma, pelo sol, quem lhe os sinais alcança,  
Já sabe se é mau tempo, ou tempo de bonança  
Que o Véspero nos traz, e as bandas donde venta  
Para nuvens de calma, ou nuvens de tormenta.  
Quem dirá que o sol mente?! O sol té nos descerra  
600 Os tumultos por vir, e as fraudes, e se a guerra  
Fermenta ocultamente.

Às mãos de Cássio e Bruto  
Cai César, Roma pasma! O sol lhe veste o luto:  
Vela-se de negrume. O século perverso  
605 Crê ser chegada a noite imensa do universo.  
Que muito! Se em tal prazo, Roma, os teus pesares,  
Toda a terra os sentiu, toda a amplidão dos mares;  
E os torpes cães uivando, e as aves importunas  
Deram seu vale em coro às laciais fortunas!  
610 Que vezes se não viu do Etna retremente  
Abrir-se o interior, golfar caudal torrente  
De fogo encapelado e penhas derretidas  
Pelos ciclópeos chãos!

Que armas entrebatidas  
615 Não se ouviram soar por todo o céu germano!  
Nuta a congérie alpina em terremoto insano!  
Por silvestres soidões ingente voz ressoa!

620 Com fantasmas de espanto a noite se povoa,  
Pálidos a girar pelos desvãos do escuro!  
Falam brutos (ó pasmo!) e, nem que algum conjuro  
Os force, pára o rio, o chão se rasga! Choram  
Ebúrneos imortais nos templos que os adoram,  
E o próprio bronze sua.

O rei dos grandes rios,  
625 O Erídano, transborda, investe os senhorios  
Das matas anciãs, derrota-as, e afogados  
Pelos campos além roja redis e gados.  
Cada imolada rês descobre nas entranhas  
Só agouros ruins, coisas hostis e estranhas.  
630 Os poços manam sangue. Os lobos nas cidades  
Vão alta noite uivando.

O curso das idades  
Nunca viu tanto raio em tempo calmo, ou tantos  
Cometas infernais o mundo inçar de espantos!  
635 E tudo falou certo: aos campos inumanos  
Do filipense exício, exércitos romanos  
Foram travar de novo as armas fraticidas.  
Vezeas duas aprouve aos deuses homicidas  
Retingir, adubar a Emátia, a vasta Hemônia,  
640 Co'o sangue dos Romãos, e mortandade ausônia!  
Por ali algum dia os rústicos tranquilos,  
Quando ararem o solo, hão de encontrar co'os pilos,  
Gastados de ferrugem, e co'os murriões sem dono!  
Qual não ficará mudo e pávido o colono  
645 Vendo o seu chão sepulcro, e dentre os mais destroços  
Virem surdindo à luz agigantados ossos!  
Rômulo! E quanto nume há dado o chão latino!  
Guarda do tusco Tibre, e do alto Palatino,  
Madre Vesta! Sequer não proibais que possa  
650 Um príncipe mancebo erguer a pátria nossa  
Da ruína em que se jaz. De sobra o nosso estrago  
Da laomedôntea raça as vis traições há pago.

Ó César! Muito há já que o olímpico palácio  
 Cobiça possuir-te, e sente inveja ao Lácio,  
 655 E estranha o ser posposto a um triunfar de humanos.  
 Com razão: tudo agora é caos entre os Romanos:  
 Do crime fez-se jus, e das virtudes vícios.  
 Vão às soltas pelo orbe as guerras, os flagícios.  
 Dorme o arado sem honra, o campo é dos silvados;  
 660 Os que o haviam de arar, calcam-no; estão soldados.  
 Saiu da foice a espada. Aspérrimos rebates  
 Nos dão, d'além Germânia, e doutra parte Eufrates.  
 As cidades de perto, os pactos seus rompendo,  
 Armaram-se, ímpio Marte o globo assola horrendo.  
 665 Tais das prisões saltando as fervidas quadrigas  
 Voam rivais na arena; arrastam seus aurigas;  
 E, senhoras de si, frenéticas, absurdas,  
 Zombam da arte e do esforço, a freio e rédea surdas.

## Obras de referência

CASTILHO, A. F. de. *A felicidade pela agricultura*. Disponível em: <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/castilho.htm>>. Acesso em: 11 nov. 2009.

CATO, M. P.; VARRO, M. T. *On Agriculture*. With an English Translation by H. D. Hooper. Cambridge, Massachusetts/ London, England: Harvard University Press, 1999.

O LIVRO de Catulo. Tradução, introdução e notas de J. A. Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

DALZELL, A. *The Criticism of Didactic Poetry: Essays on Lucretius, Virgil and Ovid*. Toronto; Buffalo; London: University of Toronto Press, 1996.

FEDELI, P. Bucolica, lirica, elegia. In: MONTANARI, F. (Org.). *La poesia latina: forme, autori, problemi*. Roma: NIS, 1991, p. 77-131.

FERGUSON, J. *The Religions of the Roman Empire*. London: Thames and Hudson, 1982.

GALE, M. *Myth and Poetry in Lucretius*. Cambridge: University Press, 1994.

LE GLAY, M.; VOISIN, J.-L.; LE BOHEC, Y. *A History of Rome*. With New Material by David Cherry and Donald Kyle; Translated by Antonia Nevill. Malden, MA.; Oxford; Victoria: Blackwell Publishing, 2001.

GRIMAL, P. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.

HORACE. *Satires. Epistles. "Ars poetica"*. With an English Translation by H. Rushton Fairclough. Cambridge, MA; London: Harvard University Press, 1999.

JAEGER, W. *Paideia: a formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JONES, A. H. M. *Augustus*. London; New York: Norton & Co., 1970.

MILES, G. B. *Virgil's Georgics: A New Interpretation*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1980.

ROBERT, J.-N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: "Les Belles Lettres", 1985.

TOIPA, H. C. Castilho, o campo e os clássicos. *Máthesis*. Lisboa, n. 14, p. 149-167, 2005.

TOOHEY, P. *Epic Lessons: An Introduction to the Ancient Didactic Poetry*. London; New York: Routledge, 1996.

TREVIZAM, Matheus. *A elegia erótica romana e a tradição didascálica como matrizes compositivas da Ars amatoria de Ovídio*. Dissertação (Mestrado em Linguística - Letras Clássicas/Latim.) Campinas: UNICAMP, 2003.

TREVIZAM, Matheus. Heterogeneidade enunciativa e discursiva nas "Geórgicas" de Virgílio. In: BARBOSA, M. V.; FONTANA, M. G. Z. (Org.). *Caderno de qualificações*. Campinas: IEL-UNICAMP, 2005, p. 185-198.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. São Paulo: Humanitas; FAPESP, 2001.

VIRGÍLIO. *Geórgicas; Eneida*. Traduções de A. F. de Castilho e Odorico Mendes. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1949.

VIRGIL. *Georgics*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: University Press, 1994. v. I/II.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: "Les Belles Lettres", 1998.

WILKINSON, L. P. *The Georgics of Virgil: A Critical Survey*. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.

## Sobre o organizador

Matheus Trevizam, nascido em 1977 em Campinas/SP, é bacharel e licenciado em Letras pelo IEL/Unicamp e mestre e doutor em Linguística/Latim pela mesma instituição. Desde 2006, leciona na FALE/UFMG na cadeira de Língua e Literatura latina, também se dedicando à pesquisa e à orientação na área de Estudos Clássicos no Pós-Lit desta Faculdade. Autor de vários artigos publicados em sua área de especialidade – a Literatura romana didática e agrária da República e do Principado augustano –, foi cotradutor de Suetônio e Augusto (*A vida e os feitos do divino Augusto*, UFMG: 2007), coanotador da *Eneida Brasileira* de Odorico Mendes (Unicamp/Fapesp: 2008), integra ativo o "Grupo de trabalho Odorico Mendes" (IEL/Unicamp) e atualmente edita, com colegas da FALE, o periódico *Nuntius Antiquus*.

Esta edição teve o apoio da Câmara de Pesquisa da Faculdade de Letras da UFMG, cuja Comissão Editorial é constituída por: Marcos Rogério Cordeiro Fernandes (presidente), Cláudia Campos Soares e Emília Mendes Lopes. Composta em caracteres Garamond, Perpetua e Zurick, foi impressa em papel offset 90 g (miolo) e cartão supremo 250g (capa), pela Imprensa Universitária UFMG, em janeiro de 2013.